

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

ANA TERRA DE SOUZA ANDRADE

BRASILIDADES NA REGIÃO PARISIENSE:  
O OLHAR DESLOCADO EM UMA TERRA DE CONFLITOS

NITERÓI, RJ  
2010

**ANA TERRA DE SOUZA ANDRADE**

**BRASILIDADES NA REGIÃO PARISIENSE:  
O OLHAR DESLOCADO EM UMA TERRA DE CONFLITOS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador Prof. Dr. MAURÍCIO DE BRAGANÇA

Niterói, RJ  
2010

**ANA TERRA DE SOUZA ANDRADE****BRASILIDADES NA REGIÃO PARISIENSE: O OLHAR DESLOCADO EM UMA  
TERRA DE CONFLITOS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação  
em Produção Cultural da Universidade Federal  
Fluminense como requisito para obtenção do Grau de  
Bacharel.

Aprovada em julho de 2010.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Maurício de Bragança – Orientador  
UFF

---

Prof. Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues  
UFF

---

Prof. Dr. Marildo José Nercolini  
UFF

Niterói, RJ  
2010

Dedico este trabalho à minha querida tia Ana Maria de Andrade, por todo apoio, desde o momento da escolha curso e ao longo desses quatro anos. A minha eterna gratidão pela paciência, dedicação e carinho maternal.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense,

À Université Paris X - Nanterre,

Ao Professor Doutor Maurício de Bragança, pela enorme atenção, apoio e dedicação,

Aos meus colegas de faculdade, em especial minha amiga Ana Rosa, pela leitura e observações neste trabalho,

À toda minha família, pela força e incentivo.

*Outrora eu era daqui, e hoje regresso estrangeiro.  
Forasteiro do que vejo e ouço, velho de mim. Já vi tudo,  
ainda o que nunca vi, nem o que nunca verei. Eu reinei no  
que nunca fui.*

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

A identidade cultural já não pode ser vista como algo ligado unicamente ao nacional, pois sofre influência do constante fluxo de informações, pessoas e culturas. Baseado nisso, a formação de comunidades de brasileiros na região parisiense reflete alguns questionamentos em torno do sentido de pertencimento na atualidade. O significado de ser brasileiro no exterior remete a diferentes momentos em que tradições, símbolos e ideologias foram imaginados como características nacionais. A capital francesa, vista outrora como modelo cultural do mundo, hoje recebe centenas de brasileiros que querem mostrar sua produção cultural de forma igualitária. Este trabalho tem por objetivo mostrar que a arte torna-se um instrumento agregador, tanto da comunidade brasileira lá inserida, quanto destes com a população parisiense, gerando respeito e admiração. As expressões de brasilidade em Paris, além de trazerem todas essas questões, dialogam com o novo e conflituoso local em que se encontram. A partir de questionários e entrevistas, percebe-se que a arte, representada ou repensada, é freqüentemente negociada simbolicamente.

**Palavras-chave:** cultura brasileira , identidade cultural , globalização , brasileiro em Paris.

## SUMÁRIO

Introdução.....	09
1. Horizontes teóricos acerca da cultura	
1.1 Teorias da cultura.....	13
1.2 Cultura e identidade(s).....	17
2. Brasilidade e Cultura Nacional	
2.1 História ideológica da cultura brasileira.....	23
2.2 Tradições, símbolos nacionais e Estado.....	26
3. Brasilidades na região parisiense	
3.1 O fascínio de Paris.....	32
3.2 Conflitos identitários.....	34
3.3 Comunidades brasileiras e a produção cultural.....	36
Conclusão.....	42
Bibliografia.....	45
Anexos.....	47



## **INTRODUÇÃO**

A reflexão em torno das questões envolvidas nesse trabalho se deu após a realização de um intercâmbio de cooperação acadêmica entre agosto de 2008 e agosto de 2009, a partir de um acordo da Universidade Federal Fluminense e a Université de Paris X, localizada em Nanterre, um subúrbio muito próximo da capital.

Morando durante dez meses na casa de uma família de classe alta na cidade de Versalhes, mudei-me nos últimos meses para a residência universitária em Nanterre. Lá, pude intensificar laços de amizade com estudantes de nacionalidades variadas, tendo contato, dessa maneira, com alguns dos diversos estilos de vida presentes na região parisiense - que compreende, além de Paris, mais oito departamentos em seu entorno, contabilizando mais de 11 milhões de habitantes.

De tal modo, surgiu a oportunidade de conhecer e pesquisar, ao longo desses doze meses, de forma descomprometida, porém com grande interesse, os assuntos históricos, sociais e culturais presentes na região. A disciplina cursada no primeiro semestre de 2009, chamada 'Identidades Étnicas' (*Identités Etniques*) despertou a atenção para o campo das discussões sobre as narrativas identitárias nos tempos atuais. À ocasião de uma viagem ao Marrocos, a percepção sobre as questões que permeiam as relações entre franceses e imigrantes árabes do norte africano começou a se delinear, porém muitas dúvidas permaneciam.

Nesse período, também participei de inúmeras manifestações culturais, organizadas tanto pelos brasileiros que moravam na região parisiense quanto pelos franceses ou outros estrangeiros. A partir disso, pude observar mais especificamente os diversos olhares e atuações artístico-culturais dos meus conterrâneos, bem como as modificações ocasionadas pelo diálogo com o contexto local.

Já de volta ao Brasil, tive acesso a um artigo do jornal O Globo<sup>1</sup>, datado de maio de 2007, que tratava da criação do Ministério da Identidade Nacional e da Imigração, pelo governo do atual presidente da França, Nicolas Sarkozy. No artigo, o jornalista propunha que as políticas de integração francesas se espelhassem nas brasileiras. Dessa forma pude, a partir das minhas experiências pessoais, delinear algumas questões referentes à atual realidade francesa.

Antes, porém, de apresentar o tema do meu trabalho de conclusão de curso, é preciso explicar os diferentes momentos históricos e espaciais, como o início do século XX no Brasil e a década de 1950 na França.

Ao final da Segunda Guerra Mundial e com o processo de descolonização da África na segunda metade do século XX, a grande Paris modificou-se profundamente no que diz respeito à sua população. Com a estrutura física devastada e com escassez de mão-de-obra, decorrente das perdas humanas, a França iniciou uma política para atrair trabalhadores, principalmente na capital. Foram então concedidos aos habitantes das antigas colônias, como Marrocos, Tunísia e Argélia, direitos de residência e mais tarde nacionalidade francesa.

Entretanto, ao chegar ao novo território, grande parte deles viu-se obrigada a morar em locais mais afastados do centro da cidade e, aos poucos, formaram-se guetos na Paris intra-muros e as chamadas *banlieues* – aglomerações populacionais nas regiões periféricas, que surgiram sem uma organização específica e sem uma boa estrutura habitacional. Devido ao preconceito e à memória da história colonial, esses acontecimentos facilitaram um processo de separação física e também cultural, pois complexas ‘fronteiras’ identitárias continuaram “vivas” no imaginário desses povos.

No Brasil, as questões que envolviam a relação com a capital parisiense se pautaram durante muito tempo em questões de superioridade cultural da última sobre a primeira, numa relação vista como univetorial e hierárquica, a partir da dicotomia centro/periferia mundial. Paris foi e ainda é considerada por

---

<sup>1</sup> O artigo encontra-se na sessão 3 dos anexos.

muitos a capital da moda, a “cidade luz”, uma das capitais culturais e filosóficas do mundo.

O ponto máximo desse pensamento da França como modelo foi, provavelmente, a reforma urbana do prefeito Pereira Passos no início do século XX, quando a cidade do Rio de Janeiro tornou-se um enorme canteiro de obras para seguir o estilo da “*Belle Époque*” francesa. A “cidade-luz” foi ressaltada também por muitos artistas, principalmente no modernismo, quando diversos deles iam para lá passar temporadas e, ao voltar, faziam as referências da arte de vanguarda francesa em seus objetos artísticos.

Notamos, ainda hoje, sua influência nos mais diversos âmbitos: na língua, na culinária, na arquitetura, etc. Todo esse fascínio leva ainda hoje milhares de brasileiros, todos os anos, a irem conhecê-la, muitos como turistas e alguns como imigrantes. As manifestações artísticas das comunidades brasileiras lá instaladas se inserem em um “entre-lugar”, cujo deslocamento se faz fundamental para a concepção de uma identidade própria e para a manifestação de uma arte específica (MARTINS, 2006).

É baseado nesse contexto que surge a temática deste trabalho de conclusão de curso: Brasilidades na região parisiense – o olhar deslocado em uma terra de conflitos. Essa pesquisa tem a proposta de analisar esse “entre-lugar do deslocamento”, que aponta para as mudanças e as novas reflexões sobre identidade cultural. Pretendemos investigar como isso se reflete diretamente no imaginário e na produção cultural dos brasileiros lá instalados.

Para apreender da melhor maneira possível o que se passa com os brasileiros na região, as informações necessárias foram adquiridas virtualmente, devido à distância física do local de estudo, a partir de comunidades em sites de relacionamento (*Orkut* e *Facebook*), do grupo virtual APEB (Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros, que atinge hoje um total de 1600 usuários), sites de associações de brasileiros em Paris e o contato de amigos, que gentilmente, repassaram os questionários a outros conhecidos da região.

Para tanto, elaborou-se um questionário com oito questões de múltipla escolha, para traçar um perfil quantitativo desses habitantes, tanto no que diz

respeito ao tempo em que moram na região, quando ao comportamento: interesses culturais no Brasil e em Paris, relação com os parisienses e com os outros estrangeiros, etc. O questionário continha também um último espaço reservado para que fossem citadas palavras que representassem o Brasil, para se ter uma breve idéia das imagens geradas a partir do deslocamento para essa região francesa. As perguntas foram aplicadas via Orkut, em sete comunidades<sup>2</sup>, Facebook e e-mail (inclusive para a lista da APEB), atingindo um total de 48 respostas.

Outro método escolhido foram as entrevistas realizadas com produtores culturais, musicais e artistas. As três pessoas, escolhidas através de suas atividades, deram suas opiniões de forma discursiva, a partir de cinco questões norteadoras e outras que surgiram do diálogo associado à minha experiência empírica, como antiga moradora e fruidora cultural. Os entrevistados foram: André Pereira, DJ; Fernanda Buongiorno Vilela, estudante e produtora de eventos culturais, e Pedro de Lita, músico e produtor musical. As entrevistas foram realizadas via Skype, nos dias 19 e 20 de junho de 2010, com duração de 15 a 19 minutos.

Para se compreender a diversidade de reflexões contemporâneas acerca dos conceitos de cultura e de identidade, faremos no primeiro capítulo um breve panorama dos processos históricos que levaram a uma relativização dessas concepções. Em seguida, no segundo capítulo, falaremos das diversas questões que envolvem a cultura nacional e a identidade brasileira, relacionando elementos como a tradição, os símbolos nacionais e o papel do Estado. Baseado nessa contextualização, abordaremos no terceiro e último capítulo, as questões que abrangem a relação dos brasileiros com a capital parisiense: o fascínio exercido no passado e a atual situação social para, finalmente, observar como estas noções se transpõem no modo de vida desses indivíduos e no trabalho dos agentes culturais brasileiros em Paris.

---

<sup>2</sup> São elas: Brasileiros soltos em Paris, Brasileiros morando em Paris, Brasileiros em Paris, Brasileiros unidos em Paris, Brasileiros perdidos em Paris, Músicos brasileiros em Paris e Paris para brasileiros.

## 1. HORIZONTES TEÓRICOS ACERCA DA CULTURA

### 1.1 TEORIAS DA CULTURA

A complexidade da palavra ‘cultura’ se dá pelo fato de ter sido submetida a diversas concepções segundo diferentes momentos históricos, ideologias e noções de mundo. Analisada sob o viés etimológico, a palavra advém de cultivo e lavoura, atividades agrícolas que influenciam no ciclo da natureza. Esse entendimento é, porém, abstrato demais, pois se modifica de acordo com a maneira de se encarar as relações com a terra e com a natureza. Se por um lado, o pensamento remete a uma estrutura maior, além de nós, que é a natureza, por outro sugere a intervenção da figura humana no meio natural. A palavra latina “*colere*” pode significar cultivar, mas pode também ser associada à “*cultus*”, que a Igreja Católica na Idade Média relacionou a algo transcendental e divino (EAGLETON, 2005).

A reflexão sobre o conceito de cultura pode ser associado ao surgimento de palavras como *civilité* (civilidade – como viver na cidade), *politesse* e *police*, que aparecem na França do século XVI, mas é no seguinte que a palavra “*civilisation*” surge para dar conta do “processo progressivo” dos povos. O conceito alude tanto a refinamento e requinte quanto à progressão intelectual, política e material. Pela concepção iluminista da época, para se alcançar o estatuto de civilizados, faltava aos bárbaros e, sobretudo aos selvagens, o desenvolvimento e o progresso da razão.

Na Alemanha, entre o final do século XVIII e princípio do XIX, os conceitos de civilização e cultura se diferenciam, chegando a ser colocados em lados opostos. Enquanto o primeiro, para os alemães, ganhou uma conotação ligada à corrupção da cidade e apego material, o segundo, *kultur*, seria o lugar da arte, da tradição, da religião e do espírito do povo, associado à pureza e simplicidade que vai contra o racionalismo exacerbado. Assim, nas palavras de Adam Kuper (2002, p. 15): “Quando os alemães expressavam orgulho por suas realizações, eles não falavam da sua civilização, mas sim da sua *Kultur*”.

Essa questão contribui fortemente para a rivalidade entre os dois países, pois as discussões políticas dissolviam-se nas questões culturais. Para o projeto burguês iluminista, o conceito de civilização era importante para os ideais universalistas de desenvolvimento e para a expansão das fronteiras culturais. Já para o projeto alemão, a concepção de diferenças que formavam o todo era fundamental, e este pensamento sobre o progresso estaria negando o passado, a diversidade e as maneiras mais simples de viver e de se ligar com a terra.

Numa tentativa posterior de interligar os dois conceitos, surge a idéia de que caberia aos detentores da razão educar, e aos desprovidos da razão, humanizar as elites. Algum tempo depois, propõe-se a utilização da palavra cultura no plural, tanto no sentido espacial e temporal quanto dentro de uma mesma sociedade (LARAIA, 2005).

A idéia de cultura começa aos poucos a se ligar à idéia de diferença e pluralidade. Todavia, ainda sob influência da concepção eurocêntrica, essas relações não eram pensadas como uma troca entre as duas partes, e sim como uma hierarquia. Isso significa dizer que houve um momento em que se começou a aceitar que outros povos – não europeus - possuíam alguma cultura, mas que para serem civilizados, os “bárbaros” e “selvagens” deveriam ascender numa “escada da cultura”, se espelhando na cultura européia, que estaria no topo da progressão intelectual.

Os estudos do antropólogo Claude Lévi-Strauss, em meados do século XX, são fundamentais no sentido de iniciar um processo de relativização dos conceitos. Essas diferentes culturas não poderiam ser analisadas pelo chamado darwinismo social, ou seja, pelo mesmo viés cientificista, evolucionista e racionalista das ciências naturais. Essas diferentes sociedades não poderiam se enquadrar em um sistema de regras e comparação quantitativa de progresso. A própria dicotomia atraso/progresso seria relativa, pois cada sociedade possuiria um ponto de vista diferente, que dependeria de um sistema de significados contidos nesse grupo (LEVI-STRAUSS, 1993).

A importância na abertura do olhar estaria exatamente nestas diferenças, pois, para ele, uma cultura que se “fecha” frente às outras sucumbiria ao longo do tempo. O contato se torna, nesse sentido, fundamental: ao mesmo tempo

em que cria uma ferramenta de autoconhecimento, desperta o desejo de ser diferente, e efetiva as trocas a partir da relação com o outro (idem, 1993).

Para Lévi-Strauss, a cultura de cada povo teria como base determinadas estruturas e estaria ligada a fatores históricos, sociais e econômicos dessa população, mas seria também influenciada pela relação com outras culturas. Essa aproximação e esse intercâmbio entre as culturas teriam um duplo sentido, pois o contato seria uma importante ferramenta para o “desenvolvimento” e auto-conhecimento, mas, conseqüentemente, ao longo do tempo, poderia gerar uma certa homogeneização destas. O autor fala, porém, que o ‘desejo de ser diferente’, seria um instrumento importante para se conter essa ‘uniformização’ cultural (idem, 1993).

Há também outras narrativas que opõem cultura à natureza e cultura à sociedade - nesse caso cultura seria tudo aquilo que não possui função concreta na sociedade, os “excedentes da vida social”. Porém ambas as tradições de pensamentos são demasiadamente simples para definir o complexo conceito de cultura. Sobre a oposição cultura-natureza, Terry Eagleton (2005) nos mostra a situação paradoxal que se impõe ao antagonizar esses conceitos, pois se deve lembrar que a palavra cultura advém do cultivo, lavoura, as formas culturais de modificar a natureza são elas mesmas derivados desta última. Para ele: “Os seres humanos não são meros produtos de seus ambientes, mas tampouco são esses ambientes pura argila para a auto-moldagem arbitrária daqueles” (EAGLETON, 2005, p. 14).

No que diz respeito à relação cultura-sociedade, o autor Garcia Canclini fala da necessidade de se compreender os vínculos da cultura com a sociedade, inserindo, a partir dos estudos de Baudrillard e Bourdieu, a visão sociosemiótica da cultura: ela seria “o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (CANCLINI, 2003, p. 43). A cultura perde sua rigidez, e apresenta-se como um processo, um elemento em constante variação na história social, apresentando caráter polissêmico.

As formas de significação não se manifestam da mesma maneira, podendo ser encarados por cada sociedade de uma maneira diferente. Objetos e expressões artísticas, por exemplo, podem adquirir diversas significações de

acordo com as trocas interculturais, assim, o que é um artigo utilitário para um grupo cultural, para outros pode ser encarado como obra de arte. (idem, 2003)

Por isso a maior necessidade está em ultrapassar as barreiras da descrição não analítica: além de descrever minuciosamente uma cultura, é preciso buscar situar-se para poder interpretar o outro pelas suas perspectivas, ou seja, perceber como os indivíduos dessa cultura a entendem, não somente nas grandes estruturas, das quais falava Lévi-Strauss, mas também nas pequenas atividades cotidianas, para ter uma real compreensão do outro. Clifford Geertz apropria-se da concepção de Weber para colocar a questão da cultura como sendo um complexo sistema de significados feito pelos próprios indivíduos e pelo qual os indivíduos estão presos (GEERTZ, 1989).

Talvez o elemento fundamental quando se fala em cultura é percebê-la não mais como um acessório, mas sim como um caráter constitutivo da vida em sociedade, juntamente com os fatores econômicos e políticos. Até mesmo as atividades “mecânicas” do cotidiano, que não são definidas como culturais, como escovar os dentes ou comer uma fruta, passam de alguma maneira pela cultura, pois associa-se a estes fatos uma relação de sentido e significado, percebidos, por exemplo, na forma como executamos essas atividades ou como e nas possíveis interpretações frente a isso (HALL, 1997).

O papel do antropólogo, para Canclini (2003), seria o de pesquisar as estratégias dos diferentes grupos de organizar e selecionar seus próprios meios de diferenciação e suas próprias interações com os outros. Assim, para se frisar a concepção de cultura no seu caráter processual e a importância de se pensar não mais em culturas isoladas, mas analisá-las num nível maior de relações e interações entre si, salientando as diferenças, contrastes e comparações, fala-se na cultura não mais como substantivo, mas como adjetivo, o *cultural*, portanto (idem, 2003).

Nesse contexto atual, também as identidades, construídas sobre o filtro das culturas, entram em processo de auto-reflexão e se re-organizam dentro de um sistema de interações e confrontos. Suas narrativas negociam seus próprios capitais simbólicos dentro e fora dos grupos e sociedades.



## 1.2 CULTURA E IDENTIDADE(S)

**identidade** s.f.- 1 estado do que não muda, do que fica sempre igual 2 consciência da persistência da própria personalidade 3 o que faz com que uma coisa seja a mesma (ou da mesma natureza) que outra 4 conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças as quais é possível individualizá-la 5 igualdade entre as expressões, que se verifica para todos os possíveis valores atribuídos às variáveis que elas contêm. (Dicionário HOUAISS, 2001)

Com o verbete do dicionário Houaiss da língua portuguesa é possível traçar reflexões e compreender por que a questão da identidade cultural é tão complexa e vem sendo discutida freqüentemente pelos teóricos sociais nas últimas décadas. A palavra remete tanto a algo fixo, imutável e que persiste, portanto associado metaforicamente a raízes de plantas, quanto a algo capaz de 'individualizar', portanto, diferenciar, o novo em alguém ou algo. É a igualdade que só pode sobreviver se encontrada a partir do outro e da diferença, pois está associado a questões de pertencimento e a processos que são construídos a partir de "imagens" subjetivas de uma ou diversas realidades coletivas que perpassam a vida dos indivíduos.

A complexidade em torno do assunto surge juntamente com os processos da modernidade, pois tanto a industrialização quanto a urbanização e o êxodo rural, aproximaram as pessoas de realidades distintas das quais estavam inseridos anteriormente. O referencial identitário destes sujeitos era nitidamente menos amplo, em termos territoriais e nacionais, e geralmente continha os valores das pequenas comunidades em que viviam, dando a impressão de uma identidade íntegra e bem delineada, pois justamente pelo fato de não possuírem acesso a outras identidades, não questionavam sobre o seu pertencimento nessas comunidades (BAUMAN, 2005; HALL, 2007).

Zygmunt Bauman conta que antes do concreto delineamento dos estados nacionais na Europa, ou seja, antes da Primeira Guerra Mundial, até em locais como a França, cujo projeto de nação havia sido construído há séculos, podia se notar, entre pessoas da área rural, uma noção de identificação que continha apenas as áreas mais próximas da sua região. O

autor explica que “afinal de contas, perguntar “quem é você” só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo” (BAUMAN, 2005, p. 25).

A noção de identidade nacional foi aos poucos sendo construída no imaginário popular, utilizando-se para isso diversos recursos, como a bandeira, o hino, as tradições, a exaltação de figuras históricas, os heróis nacionais, etc. Com isso a identificação passa das pequenas regiões e começa a englobar o território nacional. Os meios midiáticos também foram um instrumento fundamental para esse alcance mais abrangente, primeiramente com o rádio, depois a televisão, etc. Martin-Barbero (2003) ressalta, porém, que esses processos são fruto de uma constante negociação entre as partes, pois as diversas narrativas identitárias e a “imagem” da nação deve também ser aceita e reconhecida como legítima pelos indivíduos dentro dessa sociedade.

A partir da modernidade, fatores como a industrialização e o êxodo rural aproximaram realidades distintas em um mesmo local, os centros urbanos. Com esse contato, o referencial identitário, antes pouco questionado, começa a se fazer presente diante da diversidade cultural. Com os fenômenos da globalização, torna-se ainda mais complexa a discussão em torno das raízes culturais e de supostas ‘essências’ identitárias. Os fluxos migratórios e de capital, as tecnologias, os meios de transporte, as mídias, etc. além de diminuir as distâncias formais entre os países, reorganizam as maneiras dos indivíduos se localizarem no mundo e imaginarem seus arcabouços culturais.

Ao longo do século XX, percebe-se um alargamento das noções de identidade e de cultura. Com o fluxo maior de informações e o contato com realidades distintas, surgiram diversas alternativas que não se enquadravam nos limites territoriais, assim, dentro de um mesmo país, percebeu-se a existência de várias culturas. Os projetos nacionais eram abrangentes e ‘homogeneizadores’ demais, e não focavam nas diferenças. Foram então desenvolvidas novas maneiras de auto-afirmação e de atuação concreta destes grupos, que reclamavam e negociavam seu reconhecimento e o respeito à diversidade.

Na “era da globalização” torna-se cada vez mais difícil agregar o sentido de pertencimento unicamente a variáveis como território físico ou etnia, pois a

quantidade enorme de informações vindas das diversas mídias e as facilidades de comunicação e intercâmbio ocasionadas pelo tráfego humano, mesmo pessoas ditas “isoladas”, em lugares rurais ou de difícil acesso, possuem meios - minimamente na televisão ou no contato com outras pessoas - de obter conhecimento das mais diversas áreas do globo terrestre. As distâncias, no sentido temporal e imaginário, tornaram-se menores, tem-se hoje a impressão de poder conhecer tudo por mídias como a internet.

Os sujeitos vêm-se perpassados por inúmeras informações diárias sobre outros países, outras formas de ver e viver no mundo. Ferramentas disponíveis no *Google*, como o *Street View*, ainda em fase de implantação no Brasil, já tornam possível a visualização de fotos seqüenciais de ruas em todos os ângulos, pode-se, inclusive, ‘caminhar’ virtualmente pelas ruas das cidades, observar o cotidiano de pessoas que foram fotografadas atravessando a rua para comprar pão ou passeando com seus cães, por exemplo.

Os ambientes e as informações obtidas tornam-se mais plurais, forçando os indivíduos a criarem projetos de identificação a partir de frentes de pensamentos de vários grupos. Entretanto, essas construções são muitas vezes conflituosas: a identificação é algo que não segue, necessariamente, normas de coerência e lógica, bem como nem sempre são excludentes, os diversos pertencimentos coletivos podem ser encontradas em uma mesma pessoa.

O constante contato e disputas entre os diferentes grupos, a possibilidade de comunicação e o acesso às informações do resto do mundo, seja por viagens turísticas ou pelas diversas mídias, modificam a própria percepção da relação sujeito-mundo. Algumas formas simbólicas, contudo, que estão inseridas em outro contexto, são formadas, transmitidas e recebidas nesse local específico. Um exemplo disso é que não somos capazes de compreender a totalidade de expressões e piadas de um outro país, mesmo tendo pleno domínio da língua, pois não estamos cotidianamente inseridos neste contexto (THOMPSON, 1998). A relação entre o indivíduo e o resto do mundo se fluidifica, mas diversas “fronteiras” impedem a total liquidação das relações identitárias na globalização.

Stuart Hall sintetiza três motivos que impedem esse processo. O primeiro, já comentado acima, seria a vontade de diferenciar-se e o conseqüente delineamento das identidades locais, influenciadas, dentre outros motivos, pela “mercantilização da etnia” e a alteridade, criando assim novas articulações entre o que se diz global e o que se acredita local. O segundo seria a afirmação de que a globalização não atinge todos os lugares da mesma maneira: ela seria distribuída de maneira desigual tanto a nível mundial quanto dentro das próprias sociedades, seguindo o que ele chama de “geometria do poder” (HALL, 2007, p. 77).

O terceiro seria a afirmação de que a globalização é um fenômeno que retêm em si apenas os aspectos ocidentais, mas as condições espaço-temporais são cada vez mais aproximadas - “O ocidente está a apenas uma passagem de avião” – e podem ser atingidas pelas mensagens ocidentalizantes. Esse fato as faz querer alcançar e migrar para países ocidentais, é o caso, por exemplo, das migrações das antigas colônias francesas do Magreb para a França. Estes enclaves étnicos pluralizaram as culturas ocidentais internamente (idem, p. 80).

Desse modo, percebe-se uma dificuldade em se construir uma imagem coerente de si mesmo, com a junção das diversas correntes identitárias nas quais estamos envolvidos, como o nacional, o étnico, a opção política ou sexual, as preferências musicais, etc. Assim a constituição do indivíduo como ator social é freqüentemente recortada e reestruturada. Logo, entende-se que uma pessoa se identifica não somente com a questão nacional, mas é também cercada por diversas noções de pertencimento que não seguem necessariamente os estereótipos propostos.

A compreensão de que não se possui apenas uma identidade, uma raiz, mas que isto é um processo que advém da junção de várias frentes de pensamento coletivo é recente. Para os seguidores mais ortodoxos do pensamento da escola de Frankfurt, por exemplo, a conseqüente massificação da cultura em uma sociedade controlada pelos valores capitalistas impossibilitaria a reflexão sobre as identidades, que teriam um caráter fraco e dependente, pois estas seriam simples mercadoria nesse sistema onde as escolhas pessoais são manipuladas pela mídia e pela política.

Se pela teoria de Adorno e Horkheimer no século passado, na sociedade do capitalismo tardio as escolhas pessoais seriam cada vez mais cerceadas e “seqüestradas” levando a um controle cada vez maior das estruturas de poder, percebe-se o discurso atual que relativiza este pensamento, falando sobre a diversidade de opções ocasionadas, sobretudo, pela mídia, e a constante transformação e mudança dessas opções culturais.

A identidade, para pensadores dos estudos culturais, é formada a partir de negociações e mediações entre o que lhes é proposto e o que lhes é assimilado. Essa diversidade nos dá a falsa impressão de que se pode escolher sempre e que as opções são variadas, desde a comida que se come em um restaurante *self-service* ou as roupas que se compra em um *shopping center*, até questões mais profundas como a escolha do país onde vamos morar e da própria nacionalidade.

O leque de opções em torno das escolhas individuais e coletivas é bem maior do que em momentos anteriores da história. Porém, quando se trata de identidades, a questão envolve outros fatores que nos são impostos. O fato de nascer em tal país ou ser de tal etnia, por exemplo, abarca, em si, questões de pertencimento sedimentadas por processos históricos construídos pelo próprio ser humano há algum tempo.

Alguns autores falam da constituição volátil das identidades contemporâneas, dada a partir desses inúmeros agenciamentos na sociedade atual, negando, portanto, projetos identitários coerentes, impossibilitados pela constante mudança. Mas, para citar um exemplo, ter nascido branco e não negro, na Dinamarca ou na África do Sul, são categorias que envolvem o indivíduo em um sistema de significados que o precede. As identidades são mediadas pela cultura, no “interior da representação” (HALL, 1997).

O pertencimento a algumas dessas categorias não é fruto de nossa escolha imediata, já que nessas não podemos entrar e sair, por atos de mera vontade individual. E, quer gostemos ou não, algumas categorias nos conferem identidade através de um quadro de representações sociais mais ou menos consolidadas, independentemente de nosso ponto de vista. (MAIA, 2000, p. 51)

As identidades são hoje, nas palavras Martín-Barbero (2006) “raízes em movimento”. Os dois conceitos podem parecer opostos sob um prisma substancialista ou dualista, mas se, ao invés de se focar nos substantivos, ou seja, no concreto e imutável, analisar-se como um processo contínuo, focando nas relações, o conceito pode ficar menos contraditório. Assim, por um viés mais flexível, as “raízes móveis” ao mesmo tempo desvinculam a idéia de algo fixo, rígido e permanente, e englobam a relevância dos processos migratórios, dos fluxos e redes, guardando em si a importância de uma centralidade mínima no sistema plural de significados que antecipam os sujeitos.

## **2. BRASILIDADES NO ÂMBITO NACIONAL**

### 2.1 HISTÓRIA IDEOLÓGICA DA CULTURA BRASILEIRA

Se o fato de nascer brasileiro abarca questões da história cultural que são anteriores ao indivíduo, isso não deixa de ser também um conjunto de escolhas, negociações e trajetórias nos diferentes momentos políticos, sociais e culturais do país, como “projetos de representações e identificações” (HALL, 1997, p. 26). Para se compreender como estes processos foram construídos e como as representações sociais foram consolidadas no contexto brasileiro, é preciso buscar na história alguns momentos em que a questão da identidade nacional foi posta em evidência.

Como já citado anteriormente, a implementação dos estados nacionais e do nacionalismo como forma cultural na Europa é algo relativamente novo, mas que tem como característica ter um passado cujo início parece ter sido perdido num tempo distante e cujo futuro parece um destino compartilhado (ANDERSON, 2008).

No caso brasileiro, essa noção de tempo é percebida de maneira parecida, porém, foi o fim do período colonial que gerou uma espécie de fonte de legitimação para a nova situação, em contraste com a velha subordinação à metrópole portuguesa, gerando lentamente um sentimento de pertencimento à nação brasileira. Os motivos que levaram a esta identificação, ou seja, o fato de sentir-se brasileiro, por mais instintivo que possa parecer para alguns, são bastante complexos, ainda mais se levada em conta a enorme diversidade cultural e a extensão continental do território brasileiro.

O autor Renato Ortiz (1994, p. 183) traça um histórico da busca pela identidade nacional, afirmando que há uma “história da tradição da cultura brasileira”, que varia ao longo dos anos e segundo os interesses políticos dos grupos que a elaboram. O início das literaturas que trata do assunto data de meados do século XIX. São autores que, baseados no chamado “darwinismo social” e nas teorias racialistas (ou racismo científico) obtidas com um falso respaldo científico, associavam as questões da cultura brasileira ao clima, ao

meio geográfico e à raça. Para eles, a miscigenação das raças seria a razão do “atraso” brasileiro em relação às culturas européias. Autores como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, como nos mostra Fábio Pavão (2010, p. 63), foram influenciados por essas teorias por serem “filhos do seu tempo”, mas não consistiam exatamente em teóricos racistas, e são lembrados até hoje por seus estudos sobre o folclore e a cultura afro-brasileira.

As correntes românticas, porém, influenciadas pelo mito do “bom selvagem” contribuem para um novo tipo de reflexão, pois ao retornar o olhar para o que seria o “puro” brasileiro, elegem o índio como sendo o detentor da “verdadeira” expressão de brasilidade, pois estes já se encontravam nessas terras antes da vinda dos europeus e africanos. A figura indígena é exaltada e idealizada, nesse contexto, como o herói nacional, uma espécie de componente orgânico ligado à terra e símbolo do patriotismo nacional. A terceira geração romântica, principalmente em Castro Alves, tem extrema relevância ao protagonizar a saga dos escravos africanos e ao compreender a importância destes para a nação. Não se percebe, porém, a preocupação de elegê-los como símbolos nacionais.

O modernismo, influenciado pelos românticos, e tentando romper com as correntes de pensamento que colocavam o Brasil em uma posição de inferioridade em relação às outras culturas, buscava de uma forma um pouco mais complexa, uma cultura “tipicamente” brasileira, utilizando num primeiro momento, de forma paradoxal, a figura indígena e o exemplo dos movimentos artístico-culturais vanguardistas europeus. Num segundo momento, porém, os pensamentos giram em torno da busca de uma cultura nacional desencadeada pelos movimentos dos próprios brasileiros.

Começa a ganhar força em meados dos anos 20 e 30, o discurso que defendia o mestiço brasileiro como símbolo de brasilidade, fundamental para que pensamentos racistas, que pregavam o “branqueamento” da sociedade brasileira, perdessem um pouco da sua força. Como cita Hermano Vianna (1995, p. 109) “em 1929, o mesmo Roquette Pinto estaria participando de um Congresso Brasileiro de Eugenia, em que fez – contra os arianistas – uma vigorosa defesa do mestiço brasileiro, citada por Gilberto Freyre no Prefácio à 1ª edição de *Casa-grande e senzala*”. Freyre, a partir deste livro, recoloca o



pensamento da origem do brasileiro ligado a uma espécie de fusão racial ou sincretismo cultural, de onde, para ele, provém a autenticidade do país, que seria composto pelo fruto das três cores (branco, vermelho e negro). O papel da obra deste escritor foi de extrema relevância, pois ao colocar questões como a o sincretismo cultural, inclui o papel dos negros na concepção de brasilidade.

Uma determinada leitura ideológica, posterior à sua obra, se apropriou estrategicamente do conceito de “democracia racial” para gerar uma idéia de coesão social e de nação na diversificada sociedade brasileira. Para Pavão (2010, p. 73), aos poucos a idéia de país miscigenado foi ganhando força como “mito fundador” na sociedade brasileira, e sua abrangência permitiu “equacionar [...] a relação entre identidade nacional e diversidade, que se tornava, nas primeiras décadas do século XX, um dilema para várias nações latino-americanas”.

Freyre e diversos outros intelectuais ao longo da história do país buscaram encontrar características mais definidas ou essenciais do povo brasileiro, tais como miscigenação, bondade, cordialidade, erotismo, etc. A problemática contida nessa busca é que nem estes valores compreendem toda a parcela da população, nem são estáticos, pois se inserem em momentos históricos específicos. O encontro dessa essência torna-se, portanto, impossível, pois em se tratando de assuntos relacionados à cultura, fatores generalizantes e imutáveis não podem ser observados e comprovados, não existe nenhuma “regra” fixa a ser seguida.

O surgimento do mito das três raças, em especial, foi um dos fatores determinantes no campo das representações simbólicas que influenciaram no projeto de centralização nacional do governo autoritário de Getúlio Vargas na década de 1930. Para compreender como se deu esse processo, é necessário rever o conceito de tradição e de símbolos nacionais e os instrumentos que esse governo utilizou no contexto da ditadura para tentar criar uma noção de coesão nacional.

## 2.2 TRADIÇÕES, SÍMBOLOS NACIONAIS E ESTADO

A identidade nacional, aqui e em qualquer país, é construída, além das diversas ideologias, por outros fatores simbólicos como as tradições, a evocação da memória nacional e dos seus diversos símbolos - heróis nacionais, hino, histórias, a própria língua, etc. Sem estas construções, seria extremamente difícil traçar as diferenciações identitárias entre os países. John Thompson (1998, p. 165) descreve as tradições e fala sobre sua importância na sociedade moderna da seguinte forma:

Conjunto de pressuposições, crenças e padrões de comportamento trazidos do passado, as tradições fornecem material simbólico para a formação da identidade tanto a nível individual quanto a nível coletivo. O sentido que cada um tem de si mesmo e o sentido de pertença a um grupo são modelados – em vários graus dependendo do contexto social – pelos valores, crenças e padrões de comportamento que são transmitidos do passado.

A noção de tradições era e é ainda tão forte que é capaz de definir, para muitos, o próprio sentimento de identidade. Estando em todas as camadas sociais, mesmo de maneira heterogênea, ela gera formas simbólicas que são mediadas pela idéia do nacional – o carnaval e o futebol brasileiro podem ser citados como exemplos. Assim, nas palavras de Rezende Martins (2002, p. 27): “A tradição pessoal e social, por sua transmissão no tempo, assegura o “meio ambiente cultural” em que os comportamentos correspondem a representações ideais com força normativa.”

Renato Ortiz (1994) fala de elementos fundamentais para as tradições, que são a memória nacional e a memória coletiva popular, a primeira seria mais abrangente e com características transformadoras de símbolos, não podendo ser comparada à segunda, que teria como característica as particularidades de cada grupo popular.

O autor trata da tradição religiosa do candomblé, em que aspectos da memória de escravos africanos são transportados para a realidade brasileira, fazendo com que suas origens não fossem esquecidas e sim modificadas para se adaptar a um novo contexto, onde as condições de censura e preconceito eram imensas. As tradições, como nesse exemplo, são moldáveis e “rememorizáveis”, de acordo com as situações à qual são submetidas. Ao se re-integrarem ao contexto, sofrem alterações e adaptações, devendo conservar, contudo, uma estrutura fundamental, para que possam ser detectadas como tradições (ORTIZ, 1994).

Na história do país, percebe-se que em diversos momentos o Estado apropriou-se em seu discurso, de manifestações populares como expressões “autênticas” de brasilidade, utilizando a cultura como instrumento de poder e organizando uma espécie de política cultural comandada pelos interesses econômicos. Para Stuart Hall, quanto mais a discussão sobre a centralidade da cultura ganha relevância, “mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam” (HALL, 1997, p. 35). Para a construção da “comunidade imaginada” brasileira (ANDERSON, 2008), é necessária a união de elementos sociais, enquadrando o pertencimento nacional e estruturando interações, buscando, construindo ou inventando valores nacionalizantes, assim:

(...) grande parte dos constituintes subjetivos de “nação” moderna consiste em tais construções, estando associada a símbolos nacionais adequados e, em geral, bastante recentes ou a um discurso elaborado a propósito (tal como o da “história nacional”) que o fenômeno nacional não pode ser adequadamente investigado sem dar-se a atenção devida à “invenção das tradições” (HOBSBAWM & RANGER, 2002, p. 23).

Estas construções muitas vezes parecem não ter um início histórico bem definido, podem ter sido construídas há relativamente pouco tempo, e podem ser bem mais recentes do que imaginamos, mas por ser fortes o bastante para se estabelecerem como tradições, dão a ilusão de existirem há muito mais tempo.

A trajetória do samba carioca, que passou, em poucas décadas, da perseguição e censura à alcunha de símbolo nacional na década de 1930, tornando-se produto de exportação na década seguinte, ilustra algumas questões tratadas aqui em relação aos elementos da cultura nacional e às apropriações e reconstruções destes pelo Estado na tentativa de construir uma imagem de nação e coesão social.

A passagem do século XIX para o século XX foi marcada por enormes modificações na realidade nacional, e o Rio de Janeiro, então capital, foi o foco principal dessas mudanças. Com a proibição oficial da mão de obra escrava, grandes fluxos, em sua maioria de negros, migraram para a capital em busca de emprego, melhores condições e um lugar para construir uma nova vida, encontrando o enorme plantel de escravos que já habitava a capital do país.

Ao chegar, o que encontraram foi um local que passava por intensas reformas, inspiradas no modelo francês de modernização, que não incluíam e nem desejavam esse enorme contingente de classes desfavorecidas. Foram obrigados, muitas vezes à força, a buscar os locais dos “excluídos”, ou seja, morros e subúrbios. Esse processo de modernização pode ser observado em outras cidades da América Latina, fazendo parte de um plano de políticas que visavam à renovação das antigas estruturas, como parte de um sistema que coloca os governos como figuras centrais e protagonistas (MARTIN-BARBERO, 2003).

É interessante observar que a própria geografia da cidade, o “mar de morros”, corroborou para que uma parte destes “recusados” se instalasse em locais centrais, fazendo com que sua presença fosse inevitavelmente percebida e com que o contato com as classes dominantes, apesar da gigantesca barreira social, fosse possibilitado pelas condições físicas. Esse processo, caracterizado pela desigualdade, possibilitou a união desses dois mundos, principalmente nas festas populares (VIANNA, 1995).

O samba carioca, nascido no início do século, nesses subúrbios e morros, vai ganhando lugar nas diversas reuniões e festas, se consolidando como prática popular. Vianna conta que no início do século existia uma grande variedade de estilos e ritmos, mas é nos anos 30 que o samba ganha o carnaval e, portanto, maior visibilidade (idem, p. 110). Vários fatores

colaboraram para a sua crescente inclusão no cenário carioca e mais tarde nacional. O mito da miscigenação racial começa a fazer parte do imaginário simbólico da época, pois se na sociedade o negro continuava discriminado e excluído, no campo das representações a “mistura original” começava a ser tida como algo constitutivo na “comunidade imaginada”.

Também nessa década, a implementação das rádios e a venda de discos se colocam como elemento fundamental para a divulgação do samba, iniciando a indústria fonográfica no Rio de Janeiro e necessitando de novas expressões. A enorme abrangência do rádio foi o “cimento simbólico” da nação (PAVÃO, 2010, p. 79) e a música, expressão artística de baixo custo que não necessita de um conhecimento letrado, pôde alcançar as diferentes classes sociais e faixas etárias, tornando-se rapidamente um elemento de coesão nacional.

Nesse contexto, o governo autoritário e populista de Getúlio nos anos 30, necessitava de algo que simbolicamente representasse a nação, que fosse capaz, na sua visão, de centralizar e homogeneizar a população, dando a impressão de uma massa organicamente unida. Dentre todas as manifestações da época, o samba assumiu o projeto de centralidade nacional. Por estar na capital, por conter, numa influência claramente romântica, desde o início, os signos de “autenticidade” e “pureza” em seu discurso, e principalmente, por ser uma prática oriunda das camadas populares, e agradar as massas, já que a migração massiva poderia abalar as suas estruturas de poder. Assim, a exaltação de uma expressão cultural popular, por parte do governo populista, seria também uma tentativa de contenção social.

Antes, e mesmo simultaneamente ao momento em que o samba era constituído simbolicamente como representante nacional, Vianna (1995) e Nelson Nóbrega Fernandes (apud PAVÃO, 2010), descrevem e analisam as censuras e perseguições sofridas pelas populações dos morros e subúrbios, por parte das elites, tanto na figura do malandro, quanto na expressão da religião do candomblé e pela própria condição social, considerados pelos dominantes como classes “perigosas”.

Para Vianna (1995), apesar da repressão, existiam personagens chaves que circulavam entre os dois mundos e atuavam como mediadores culturais, efetivando os contatos e auxiliando no processo de valorização do samba. Para

Fernandes, apesar desse contato efetivo, isso não significou o reconhecimento dessas pessoas como cidadãs cariocas, explicando o fato das práticas de censura, que muitas vezes incluíam violências e humilhação, continuarem tempos depois do “descobrimento” do samba pelas elites.

É inegável que o governo tenha aproveitado esse movimento do samba, propiciado pelo conjunto dos fatores descritos acima, para formar uma idéia de Brasil coeso e orgânico, aos moldes do nacionalismo autoritário. A instituição, em 1938, da temática nacionalista obrigatória nos desfiles das escolas de samba comprova isso. Porém, o que Pavão (2010) nos mostra a partir dos estudos de Fernandes é que, se essa vontade de criar um símbolo nacional vinha “de cima para baixo” (VIANNA, 1995), ou seja, das elites e do Estado para os sambistas, ela também era negociada e observada no sentido inverso, pois os temas patrióticos e a vontade de pertencer à nação já era percebida anos antes da lei de 1938. O fato é que os sambistas também tinham interesse em reconhecer o samba como algo maior e abrangente para obter um reconhecimento em nível nacional e mesmo internacional, fato alcançado a partir da década de 1940, com imagens e personagens que circulavam no exterior como Carmem Miranda e Zé Carioca.

Nota-se que, em última instância, são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da re-elaboração simbólica das diversas manifestações, porém a cultura enquanto fenômeno de linguagem sempre poderá ser interpretada e re-interpretada (ORTIZ, 1994). Assim, no sentido de desmistificar a imagem das classes “excluídas” como inoperantes ou inertes a esse processo, percebe-se que a elevação do samba como símbolo nacional se deu como um consenso, um “trato” entre essas duas esferas, obtidos pelos interesses envolvidos em ambas as partes.

A consolidação do samba como expressão legítima da brasilidade, num governo que visa à centralização, pretende reestruturar a maneira de observar as outras expressões para que as diferenças formem parte de um conjunto maior. Ao classificar algumas como nacionais e outras como regionais, não nega a existência destas últimas, mas as marginaliza. Todavia, influenciado pelo mito das três raças, agrega importância no sentido de soma das diversidades, no anseio de formar uma única identidade, miscigenada e

nacional-popular. Vianna (1995, p. 111) afirma que “a vitória do samba, depois da revolução de 30, não significava que inexistisse um certo intercâmbio regional”, mas que as outras expressões não ganharam, no âmbito das “negociações” culturais, o alcance nacional devido às circunstâncias, que não foram tão propiciadas ou facilitadas.

Os anos 1930 são marcados pela “era do rádio” e, como vimos, este teve papel fundamental na busca pela identidade nacional desse período. A partir disso, inúmeros processos se desenvolvem dentro da sociedade brasileira no sentido de consolidar as bases de uma indústria cultural. Os meios que disseminam as informações, ou seja, as estruturas midiáticas, no Brasil e na América Latina como um todo, trouxeram uma progressiva mediação da cultura.

A transmissão de novos símbolos e valores altera a forma dos sujeitos se perceberem dentro e fora das sociedades, colocando novos parâmetros que modificam as próprias identidades coletivas. Estas deixam de depender estritamente da situação social compartilhada, para absorver o material simbólico presente em outras sociedades. Rousiley Maia (2000) enfoca a questão das negociações entre os referenciais tradicionais e os novos padrões de identificação e diferentes informações fornecidas por outras comunidades.

Com a introdução da mídia moderna, o material simbólico é repensado e renovado a partir das diferentes realidades apresentadas. A força das tradições, porém, não desaparece na sociedade brasileira, pelo contrário, ela permanece como fator identitário fundamental, mas coexiste com as diversas informações e formas simbólicas apresentadas cotidianamente. Isso significa dizer que, se a mídia transforma as tradições, estas últimas também dialogam, negociam e se confrontam com as realidades introduzidas pela mídia.

As tradições e representações identitárias se “desterritorializam”, pois o local fixo, o território nacional, não é um fator simbólico fundamental para a expressão da brasilidade. A televisão, a internet, com toda a sua força observada na sociedade brasileira, também os fluxos migratórios e a formação das comunidades brasileiras no exterior comprovam esse desprendimento.

### **3. BRASILIDADES NA REGIÃO PARISIENSE**

#### **3.1 O FASCÍNIO DE PARIS**

Desde a vinda das expedições francesas, e mais fortemente com a chegada da família real para o Brasil em 1808, a cultura deste país vem dialogando fortemente com a brasileira. Nesse período, os costumes e hábitos da corte portuguesa faziam referência aos da francesa, tida como modelo de refinamento e bom gosto. Numa espécie de imitação da efervescente vida cultural francesa, diversas instituições foram criadas por D. João VI, como a Academia Imperial de Belas Artes e a Biblioteca Pública, hoje Biblioteca Nacional.

Essa impressionante influência se manteve ao longo dos séculos, em sua maioria, nas camadas mais altas da sociedade brasileira. Estudantes de famílias afortunadas, advindos de diversas áreas, decidiam continuar os estudos na “cidade luz” ao invés da antiga capital, Coimbra. Quando voltavam, muitos narravam histórias de uma cidade encantadora e multicultural, o que aumentava a sua “aura” cosmopolita e misteriosa. Antônio Candido (apud MARTINS, 2006, p. 13) arrisca dizer que sua língua e sua cultura desempenharam no Brasil do século XIX o mesmo “papel formador” que as culturas clássicas grega e romana desempenharam na Europa.

Talvez o momento de maior demonstração desse fascínio tenha ocorrido no Rio de Janeiro do início do século XX com a reforma já citada anteriormente do então prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, chegando mesmo a botar abaixo morros da cidade numa tentativa de deixá-la mais plana e moderna, afastando os moradores das classes baixas para as periferias, seguindo o modelo de reforma urbana do prefeito Georges-Eugène Haussman em Paris décadas antes.

Diversas pessoas acreditavam em uma superioridade cultural européia sobre a brasileira, e Paris seria o ponto de intersecção dessas culturas, unindo



artistas de diversas nacionalidades em salões, ateliês de arte e exposições, inclusive a Exposição Universal em 1900. Assim, a respeito da transformação que a cidade causara na sua vida, Di Cavalcanti<sup>3</sup> (apud CARELLI, 1994, p. 194) chega mesmo a citar que “o brasileiro sempre teve uma atitude de colonizado perante a metrópole, quando chega a Paris, é natural” e, anos depois cita ainda: “é como se tivesse criado em mim uma nova natureza, e meu amor pela Europa transformou-se em amor por tudo o que é civilizado”.

Todavia, outros artistas e escritores se apropriaram dos movimentos artísticos de vanguarda franceses para traçar uma nova reflexão sobre a nossa cultura. Propunham ultrapassar os estereótipos acerca de Paris e de seus habitantes, ressaltando a importância da troca cultural entre os países e o valor da arte brasileira, a exemplo de Heitor Villa-Lobos e Nestor Victor, que afirma:

Que uma boa fração de sua alma lhe é dada por estrangeiros [...] constantemente influenciados pelo espírito dos habitantes do país, assimilam fortuita ou definitivamente seus hábitos, seus modos suas maneiras de ver e seus sentimentos, mas, por sua vez, acabam por influenciar o espírito [dos parisienses], humanizando-os cada vez mais, ampliando sua capacidade de compreensão, refinando seu espírito de tolerância. (VICTOR<sup>4</sup> apud CARELLI, 1994, p. 203)

Depois da Segunda Guerra Mundial, em meados da década de 1950, diversos fatores contribuem para que os Estados Unidos comecem a exercer uma grande influência no Brasil, com isso, o fascínio exercido pela França e a ideia de Paris como a capital mundial da cultura, perde um pouco do seu espaço. Nova Iorque torna-se o novo foco para as manifestações artísticas e culturais, principalmente no campo das artes plásticas. Mario Carelli (1994, p. 207) afirma que esse é o momento em que os brasileiros reencontram Paris, “já tendo ultrapassado o complexo de dependência cultural, o que não apaga em nada o poder de sedução e estimulação criadora que a cidade suscita.”

---

<sup>3</sup> DI CAVALCANTI, Viagem da minha vida (memórias) I – o testamento da Alvorada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955. p. 130 e 144.

<sup>4</sup> Nestor Victor, Paris [Impressões de um brasileiro], Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1913. p. 108

### 3.2 CONFLITOS IDENTITÁRIOS

Também nos anos 50, a Paris idealizada por tantos artistas e escritores brasileiros começa a sofrer profundas modificações de cunho social e cultural. Se “boa fração de sua alma lhe é dada por estrangeiros”, como afirma Nestor Victor, a idéia de que estes a humanizam cada vez mais e refinam seu espírito de tolerância não pode ser observado como via de regra.

No período posterior ao do final da Segunda Guerra, a França inicia um processo de desocupação de algumas das suas antigas colônias, como o Vietnã, o Camboja e Laos. Nos países do norte africano, na chamada África magrebiana, não houve retirada espontânea, mas no Marrocos e na Tunísia, o processo se deu a partir de negociações no ano de 1956. Na Argélia, porém, a busca pela libertação encontrou enorme resistência por parte do governo francês, e violentos conflitos com altíssimo teor de crueldade marcaram o “levante de independência”, que se estendeu de 1954 até 1962, quando as diversas famílias francesas foram obrigadas a deixar o território argelino (HOBBSAWM,1995).

Antes e depois das independências, já a partir de 1945, pessoas dessas diversas colônias, assim como de países como Portugal e Espanha, receberam ofertas de emprego na França, como solução instantânea para a escassez de mão-de-obra na reconstrução do país destruído pela guerra. Somente homens eram contratados, e estes recebiam baixos salários e más condições de moradia. Essa política atraiu também outras milhares de pessoas, que entraram no país ilegalmente, o que ocasionou um fluxo migratório massivo e desordenado, principalmente na região parisiense. Esses grupos de imigrantes se instalaram em pequenos espaços no interior de Paris e em zonas periféricas que circundam a cidade, os ‘*banlieus*’, formando guetos dentro e fora da cidade, principalmente nas áreas norte, sul e noroeste.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por intensos conflitos sociais e étnicos. Por um lado o governo tentava implementar políticas para conter a imigração e para tentar expulsar os imigrantes ilegais, os ‘*sans papiers*’. Por outro lado, estes se agrupavam em associações, ganhavam

visibilidade internacional e reivindicavam melhores condições de habitação, proteção contra a expulsão e revisão da política de nacionalidade francesa (REIS, 2006).

Na década de 1980, a situação ficou um pouco mais amena para os estrangeiros, que tiveram alguns direitos reconhecidos. Em 1983, estes novos franceses, ou seja, filhos dos imigrantes, que estavam em sua segunda geração, instalados há trinta anos no país, organizaram a “Marcha pela desigualdade e contra o racismo” (idem, 2006), gerando grande visibilidade e pressionando o governo. Ao mesmo tempo, cresciam as correntes racistas e xenofóbicas, que pregavam a expulsão dessa parcela da população, por acreditarem que estes eram um entrave para a economia francesa.

Desde então, a situação não melhorou muito para estes novos habitantes, diversas políticas foram adotadas, mas de uma forma geral, giram mais em torno do controle de imigração do que na concessão de nacionalidade e melhores condições aos imigrantes. Devido às diversas mudanças na legislação ao longo deste período, juridicamente, eles não encontram lugar nem na França, nem nos seus países de origem. Seus filhos e netos, nascidos em território francês, também não encontram seu lugar simbólico e identitário, geralmente se auto-afirmando na situação paradoxal de “estrangeiros que nasceram na França”.

Esse “*revival* identitário”, que remete a um passado ainda muito recente nas lembranças e na realidade dessas populações, apresenta uma via dupla, pois ao mesmo tempo em que esses grupos exigem o reconhecimento, acabam revivendo as “feridas” da exclusão histórica. Suas identidades são construídas remetendo-se, além das diferenças culturais, nas desigualdades políticas, econômicas e sociais.

O que galvaniza hoje as identidades como motor de luta é inseparável da demanda de reconhecimento e respeito. [...] Razão pela qual a identidade se constitui, hoje na negação mais destrutiva, mas também capaz de introduzir contradições na hegemonia da razão instrumental. (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 63)

Sobre esses conflitos identitários, que ocorreram também em outros países da Europa, Rezende Martins coloca em relevo a questão da memória: “os processos mentais para construir uma identificação abrangente encontram dificuldades no passado desses homens e grupos, cuja memória (...) ao sabor da história colonial, encontra um passado de conflitos e crises” (MARTINS, 2002, p. 49). As narrativas identitárias dessas pessoas encontram lugar num passado muito distante, como no caso da Argélia, por exemplo, que remete ao período inicial da colonização, há centenas de anos. Essa “carga” histórica acaba dando a impressão de que sempre existiu e sempre existirá essa desigualdade, aumentando com isso, a barreira de incompreensão entre essas duas culturas.

### 3.3 COMUNIDADES BRASILEIRAS E A PRODUÇÃO CULTURAL

A realidade da capital francesa é hoje marcada por esses intensos conflitos identitários, mas também por uma grande diversidade e convergência cultural, típica das grandes metrópoles mundiais. Nesse contexto, a formação de grupos de brasileiros que por lá se instalam como habitantes temporários ou permanentes, ano após ano, e sua ativa produção cultural, torna-se um importante ponto de reflexão acerca da cultura e da identidade na atualidade.

As visões de mundo e a própria noção de brasilidade se entrelaçam e dialogam com as imagens de Brasil formadas pela figura do outro. Nesse novo “ambiente cultural”, os elementos simbólicos do discurso nacional são “reterritorializados” (CANCLINI, 2003) a partir de uma nostalgia da “comunidade imaginada” brasileira (ANDERSON, 2008), que é representada, re-inventada e recontada freqüentemente.

A identidade surge, como vimos, a partir de um conjunto de representações e definições que são fruto de diálogos e ideologias históricos, e também pela nossa “vontade”, consciente ou não, de atender ou negar essas definições de brasilidade. Sobre essa questão, Stuart Hall afirma que o sentimento de pertencimento nasce de um desejo:

[...] de investirmos nossas emoções em uma ou outra daquelas imagens, para nos identificarmos. O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. (HALL, 1997, p. 26)

A necessidade de apreensão de um passado gerado “pela obsolescência acelerada” (MARTIN-BARBERO, 2006), associado à crescente fragmentação dos sujeitos na globalização, causa um enfraquecimento dos pretextos identitários. Na tentativa de formar projetos de identidade coerentes nos ambientes plurais e dinâmicos (MAIA, 2000), esses indivíduos procuram ser mais ativos culturalmente. Essa busca constante, acentuada pelo deslocamento físico, é fundamental para as produções e fruições culturais brasileiras em Paris.

Para se pesquisar como essas produções dialogam com o novo local e delinear questões sobre o espaço da cultura brasileira no contexto parisiense, foram acessadas, durante vários meses, diversas comunidades virtuais do *Orkut* e do *Facebook*, além do grupo virtual da APEB (Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros) e sites relacionados. Através desses meios, além de divulgar os eventos culturais, os internautas contam suas aventuras, emitem opiniões, dão conselhos e dicas aos novatos – desde ofertas de moradia e procedimentos burocráticos, a dicas de beleza e promoções. Desta maneira, expressam suas angústias, nostalgias, necessidades e desejos de forma descontraída, como relatos em um diário virtual coletivo. Além disso, dois métodos foram escolhidos para direcionar, quantificar e aprofundar as reflexões propostas nesse trabalho:

- um questionário, contendo perguntas referentes às preferências musicais antes de ir morar em Paris, e os programas culturais freqüentados atualmente, para verificar se há diferenças entre os gostos anteriores e a oferta cultural na cidade. Foi perguntado também se mantinham um bom

relacionamento com parisienses e com os outros estrangeiros, e como viam a relação dos parisienses com os povos árabes oriundos das antigas colônias francesas, para se verificar a existência de conflitos identitários no contexto atual e como percebem essas relações. Na última questão, se pediu para citar palavras que representassem o Brasil, no intuito de compreender quais são os símbolos nacionais gerados a partir desse novo momento e que perduram no imaginário dessas pessoas. Foram obtidas no total 48 amostras.

- três entrevistas com profissionais atuantes há algum tempo na cena cultural parisiense, capazes de aprofundar e enriquecer as questões percebidas a partir das respostas dos questionários.

A partir das pesquisas, percebeu-se que nos diversos '*arrondissements*' (espécie de bairros) da cidade, existe uma rica produção artística e cultural, em bares, cafés, praças ou boates, que se tornam espaços de representação de uma memória coletiva brasileira<sup>5</sup>, vezes seguindo a risca as imagens estereotipadas de Brasil, vezes fugindo do óbvio e mostrando as novas e alternativas manifestações artísticas brasileiras, que começam a ser conhecidas pelo público local.

Apesar de a maioria entrevistados preferir ir à casa de amigos na noite parisiense (28%)<sup>6</sup>, os questionários apontam para os bares e botequins como opção também muito recorrente (25%), assim como praças e parques (17%). Ao se levar em conta a enorme frequência dos encontros com outros brasileiros: 30% encontra uma vez por semana e outros 25% encontra duas vezes por semana, percebe-se o quanto estes prezam as reuniões com os compatriotas. É nesses momentos e locais que as diversas expressões de brasilidade ganham força. André Pereira<sup>7</sup> acredita que estes são bastante atraídos pelo clima do local "para se encontrar num ambiente brasileiro, com

---

<sup>5</sup> Para Renato Ortiz, "a memória coletiva deve necessariamente estar vinculada a um grupo social que celebra sua revivificação e o mecanismo de conservação do grupo está estreitamente associado à preservação da memória", (ORTIZ, 1994, p. 133)

<sup>6</sup> Todos os gráficos podem ser encontrados na sessão 1.2 dos anexos.

<sup>7</sup> Em entrevista concedida em 19 de junho de 2010, que se encontra na sessão 2.2.1 dos anexos. Pereira era DJ em Paris e acaba de regressar ao Brasil.

feijoada, caipirinha e a música [...] Os brasileiros sentem muita falta do ambiente da festa”.

Curiosamente, nota-se que há uma relação direta entre a frequência destes encontros e o tempo de moradia em Paris. Dentre os questionados, os 28% que responderam que a relação com os brasileiros é pouco freqüente, são, em grande parte, habitantes há mais de dois anos. Estes conseguem se integrar mais com a população local e os encontros com outros brasileiros tornam-se menos repetitivos, chegando a desaparecer em alguns casos. São pessoas que em geral deixam de ser estudantes, já que o tempo de estudo é de três meses a dois anos, e se inserem no mercado de trabalho parisiense, criando vínculos com colegas de trabalho ou constituindo família na região. Por sua vez, os que estão a menos tempo, em sua maioria, classificam sua relação com outros brasileiros como muito freqüente (45%).

A respeito da integração com os parisienses, a grande maioria dos interrogados classifica como boa ou muito boa (33 e 27%, respectivamente), contra apenas 8% que declaram como ruim ou péssima. Isso nos mostra que existe uma integração entre essas esferas e uma abertura para a cultura brasileira, que se insere de maneira mais positiva no contexto parisiense. Ao mesmo tempo, quando consultados sobre a relação entre parisienses e antigos imigrantes árabes, a resposta é quase unânime, apenas 5% acreditam ser boa enquanto 95% a classificam com regular, ruim ou péssima (35%, 45% e 15%, respectivamente)

Ao se analisar o contato com outras nacionalidades, nota-se, na amostragem, que apesar de grande parte responder que costuma se relacionar com europeus ocidentais - incluindo franceses (39%), estes também mantêm relações com centro e sul-americanos (32%) e com árabes em terceiro lugar. Um aspecto importante para se evidenciar que mesmo existindo guetos na atual região parisiense, uma parte dos brasileiros mantém uma fluidez nas relações.

Com isso, estes conseguem transitar de forma um pouco mais livre por diferentes esferas culturais e sociais. Além de não possuir histórico de conflitos ou guerras com a França, como é o caso dos africanos do Magreb, e em alguns momentos verificado na “richa” entre ingleses e franceses, por exemplo,

percebe-se certa admiração da parte de diversos parisienses e uma procura pela qualidade e diversidade de nossas expressões artísticas. Fernanda Buongermينو<sup>8</sup> afirma que:

O olhar das pessoas sobre os brasileiros é na grande maioria muito positivo. Mesmo que tenha uma visão “clichê” de Brasil como –sol, “me faz sonhar”, praia, futebol e alegria – carimbando a imagem do Brasil, mas de uma certa forma sendo algo que permite uma troca com os parisienses, dando uma certa abertura.

Já Pereira acredita que o fato dos brasileiros estarem em sua maioria, “de passagem”, e não representarem um grande número populacional na cidade, não “pesando” tanto na economia local, também contribui para que essa relação seja geralmente boa com os parisienses e menos conflituosa.

Dentre as diversas expressões de brasilidade, podemos citar, a partir dos relatos dos entrevistados, a música e os eventos musicais como forte meio de difusão cultural e de integração com os habitantes locais. Sobre isso, Pedro de Lita<sup>9</sup> comenta: “Eu descobri o caminho da indústria musical, que tem um espaço para o Brasil e para a cultura do mundo. Paris é uma cidade muito aberta, que tem esse espaço para a diversidade”. Pereira, que também possui esse ponto de vista, conta uma curiosidade: “No nosso caso, a integração se percebe pela música. Na *Fnac* de lá tem uma sessão de música brasileira que é bem maior do que algumas outras”.

O samba, outrora visto como símbolo nacional por excelência, como comentado em capítulo anterior, divide espaço na cena musical atual com diversos outros estilos. Perguntados sobre o tipo de música que mais gostavam no Brasil, 53% responderam a MPB, e apenas 15% o samba, relativizando a preponderância do samba como representante unificador da identidade

---

<sup>8</sup> Em entrevista concedida em 20 de junho de 2010, que se encontra em anexo 2.2.2. Buongermينو é recém-formada em Mediação Cultural pela Université Paris-Sorbonne e trabalha com eventos culturais em Paris.

<sup>9</sup> Em entrevista concedida no dia 20 de junho de 2010, que se encontra no anexo 2.2.3. De Lita é músico, produtor musical e possui um selo musical em Paris.



nacional, ao menos junto aos brasileiros em Paris. No caso da região parisiense, não é diferente. De Lita usa o termo “Brasil-Samba” para falar que ainda existem pessoas que têm uma visão estereotipada e unificadora do país. Apesar destes, Buongermino comenta que há lugar para diversos estilos na região, evidenciando a presença do forró:

Sem dúvida a música tem o lugar garantido, com espaço para todo tipo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Lenine, etc, até pequenos grupos que se formaram aqui, que estão aqui há anos e fazem os pequenos eventos deles, de maracatu, de forró (que está “bombando” aqui). A música é muito bem valorizada, mesmo os clássicos: tem um grupo de chorinho, outro de música mais erudita, que faz homenagem a Villa-Lobos [...] as pessoas percebem a riqueza da cultura brasileira.

Nesse ambiente cultural diversificado, agregando as diversas imagens de Brasil num pequeno espaço físico, o da região parisiense, se percebe a predominância de eventos de forró, samba e pagode, que possuem dias garantidos em alguns bares e boates, como o *Cabaret Sauvage*, o *Favela Chic* e o *La Plage*, geralmente entre quarta-feira e domingo.

Mas os entrevistados ressaltam que suas experiências são focadas na diversidade brasileira. Pereira comenta que apesar da grande demanda por estes estilos já “consolidados” nos locais fixos de Paris, tentava associar os aspectos da cena carioca, como o samba, samba-rock e samba-funk e MPB (“Jorge Ben, Tim Maia, Claras Nunes”) com o forró, o mangue-beat, o hip hop, etc.

De Lita gostaria de trabalhar com aspectos ainda pouco conhecidos da música brasileira, como o “Dub do Brasil”, por exemplo, para isso pretende investir na estratégia da “fusão de linguagens”, unindo os estilos mais conhecidos - para chamar a atenção do público para o evento - aos mais alternativos, apresentando a diversidade da nova produção musical brasileira: “Se eu chego com referência que eles [os parisienses] conhecem mais, vão se aproximar e através dessa informação vão receber outras, e aí trabalhando com fusões você pode apresentar outras coisas através da mais popular”. Buongermino resalta que o espaço para a diversidade existe: “Afim de contas,

Paris ainda ocupa esse papel de uma das capitais culturais do mundo, onde você encontra de tudo que você quiser”. Afirma ainda que há na região uma “diversidade da cultura brasileira que está presente em todas as suas formas, com bons representantes de todo tipo de manifestação cultural” sendo a música o “ponto forte” atualmente.

## **CONCLUSÃO**

Ao longo desse trabalho, buscamos delinear algumas questões que permeiam as discussões atuais sobre cultura nacional e identidade brasileira, verificando como estas se inserem no modo de vida e nas expressões artístico-culturais de grupos de brasileiros que se encontram num contexto diferente: a região parisiense.

Se com a globalização, os indivíduos tendem a ter suas identidades cada vez mais fragmentadas, sendo influenciadas pelo grande fluxo de opções culturais, nota-se também que o contato com as diferentes culturas faz aflorar a vontade de se mostrar brasileiro, de pertencer a esse grupo e de negociar os diferentes sentidos de brasilidade, apropriando-se dos que lhes são interessantes no momento.

O contexto social parisiense, marcado nas últimas décadas pelos conflitos étnicos envolvendo imigrantes das antigas colônias, se apresenta como agente re-significador para as comunidades brasileiras, que percebem e dialogam com essa questão. A presença de imigrantes brasileiros se insere, aparentemente, com certa “neutralidade” nesse contexto, talvez pelo caráter provisório da maioria dos imigrantes brasileiros, que geralmente se instalam por no máximo dois anos, e portanto não representam um “risco” para a economia local, ou talvez pelo fato de não se perceber claramente uma carga simbólica e histórica de fortes conflitos entre a França e Brasil.

Os agentes culturais e artistas têm, nesse contexto, que integrar os seus próprios sentidos de brasilidade, em toda a sua complexidade e diversidade, re-interpretando e se atualizando internamente, de acordo com as culturas locais e seus elementos novos, gerando uma espécie de espaço único, verificado nas diversas expressões e manifestações artísticas de brasileiros em Paris.

É interessante observar o caso do samba e do forró, por exemplo. Este último não esteve presente no projeto de identificação nacional dos anos 30, pois era visto como expressão regional. O forró passa por um processo de

“rememorização” e ganha grande visibilidade, ao lado do samba e de vários outros estilos, na representação brasileira no exterior. Esse fato reflete um novo momento. Se nos anos 30 as políticas públicas e culturais estavam voltadas para uma homogeneização cultural brasileira, hoje há uma demanda cada vez maior pela conscientização da diversidade.

A partir dos questionários e das entrevistas realizadas, percebe-se que as marcas de um longo percurso histórico e ideológico das reflexões acerca da cultura brasileira podem ser observadas nessas “comunidades imaginadas”. As diversas formas de identificação com o nacional são representadas e reinventadas, dialogando com a população parisiense. Como consequência desse intercâmbio, as diversas expressões de brasilidade se ligam às tradições, estas, porém, não são mantidas intactas, pois ao se enquadrarem num novo sistema, sofrem influências das realidades locais, desconstruindo o paradigma da rigidez das tradições e das identidades.

O deslocamento destes brasileiros para essa região modifica profundamente a sua própria concepção identitária, pois ao se deparar com a uma nova realidade, eles percebem a si mesmo, notando que “o melhor resultado de um cruzamento de culturas é freqüentemente o olhar crítico que se faz voltar a si” (CARELLI, p. 257), não implicando necessariamente a glorificação do outro.

Estando numa posição estratégica na Europa, e recebendo diariamente milhares de estrangeiros, a capital francesa favorece as trocas interculturais e as interações são possibilitadas e reorganizadas nos sistemas culturais plurais. Nas zonas de confrontações entre essas culturas, ocorrem diversas negociações, que são estabelecidas por mediadores que assimilam/ressignificam ou rejeitam as informações, isso indica que nenhuma cultura é passiva frente aos materiais simbólicos que chegam das outras, os mediadores a questionam e filtram o que lhes parece pertinente.

Essas negociações se dão de diferentes formas, tanto dos brasileiros com os próprios conterrâneos em Paris, no intuito de se aderir aos projetos de re-invenção das brasilidades; quanto destes com os parisienses, visando atingi-los e seduzi-los a partir dessas “mensagens” de um Brasil plural. Há ainda a

negociação com o próprio capital simbólico que esses agentes culturais carregam.

A imagem de um Brasil diversificado, alegre e criativo, que preza as diferenças é, dessa maneira, negociada e transmitida entre os brasileiros da região. Dessa maneira pode-se perceber a atual admiração da parte de alguns parisienses, pela cultura brasileira. Nota-se, a partir dos vários eventos que marcaram, nos últimos anos, uma vontade de aproximação entre essas culturas também a partir do viés político e econômico. O Ano do Brasil na França e o conseqüente Ano da França no Brasil, em 2005 e 2009, são exemplos disso.

Ao se analisar a relação entre o Brasil e a França, percebe-se que a última foi vista por muitos, e durante muito tempo, como modelo sócio-cultural e artístico a ser seguido. Uma das questões fundamentais é a desmistificação da noção hierárquica da cultura, ressaltando, para isso, a contribuição do olhar dos diversos brasileiros que moram nessa região, como produtores de uma cultura que se repensa criticamente e se re-inventa num lugar novo, marcando identidades plurais e abertas.

Percebe-se que as questões identitárias e de pertencimento refletem-se nas estéticas das diversas formas de manifestação cultural brasileiras na região parisiense, e se modificam profundamente diante desse novo contexto, absorvendo conceitos da realidade em que se encontram. A arte se insere num “entre-lugar”, refletindo as questões simbólicas nacionais dos artistas e/ou produtores culturais, e recebendo a influência dos elementos dessa região. Dessa maneira, ela funciona também como um instrumento agregador, que inspira curiosidade e respeito por parte do público parisiense.

**BIBLIOGRAFIA:**

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARELLI, Mario. *Culturas Cruzadas: Intercâmbios Culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papirus, 1994.

EAGLETON, Terry. *A idéia de Cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Ed. DP&A, 2007

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Terra e Paz. 2002.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: O breve século XX: 1914 – 1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar*, elaborado no Instituto Anrônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MAIA, Rousiley. *Identidades Coletivas: negociando novos sentidos, politizando diferenças*. Contracampo. Revista do mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Niterói: IACS, n. 5, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: Moraes, Denis de. (org.), Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro, Mauad X, 2006.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Relações Internacionais: Cultura e Poder*. Brasília: IBRI, 2002.

MARTINS, Carlos Benedito (org.). *Diálogos entre o Brasil e a França: Formação e cooperação Acadêmica*. Recife: FJN, 2006.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAVÃO, Fábio Oliveira. *A dança da identidade: Os usos e significados do samba no mundo globalizado*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, 2010.

REIS, Rossana Rocha. *Migrações: casos norte - americano e francês*. Estudos Avançados. [online]. 2006, vol.20, n.57, p. 59-74

ROLLAND, Denis. *La crise du modèle français: Marianne et l'Amérique Latine: Culture, politique e identité*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2000.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

VIANNA, Hermano. *O mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

**ANEXO 1 :****1.1 QUESTIONÁRIO**

NOME: IDADE: LOCAL DE NASCIMENTO: ONDE MORAVA NO BRASIL:

**1-Há quanto tempo mora/morou em Paris ou arredores?**

( ) menos de 1 ano      ( ) 1 a 2 anos      ( ) mais de 2 anos

**2-Qual tipo de música gostava mais no Brasil?**

( ) samba      ( ) forró      ( ) MPB      ( ) outro: \_\_\_\_\_

**3-Qual destes programas prefere para sair numa noite parisiense ?**

( ) boites      ( ) shows de forró      ( ) funk      ( ) eletrônico/raves

( ) casa de amigos      ( ) bares/botequins      ( ) praças e parques

( ) cinema      ( ) outro: \_\_\_\_\_

**4-Com qual frequência vai a encontro/reuniões de brasileiros?**

( ) 1 vez por semana      ( ) 2 vezes por semana

( ) 1 vez por mês      ( ) nunca      ( ) outra: \_\_\_\_\_

**5-Como qualifica sua relação com os parisienses?**

( ) excelente      ( ) muito boa      ( ) boa

( ) regular      ( ) ruim      ( ) péssima

**6-Como qualifica sua relação com brasileiros que habitam na região?**

( ) muito próxima      ( ) próxima      ( ) pouco freqüente

**7-Com pessoas advindas de qual região costuma se relacionar ?**

( ) centro e sul-americanos      ( ) norte-americanos      ( ) europeus ocidentais

( ) europeus do leste      ( ) asiáticos      ( ) árabes      ( ) todas as opções anteriores

( ) outros: \_\_\_\_\_

**8-Como vê a relação entre parisienses e imigrantes árabes?**

( ) excelente      ( ) muito boa      ( ) boa

( ) regular      ( ) ruim      ( ) péssima

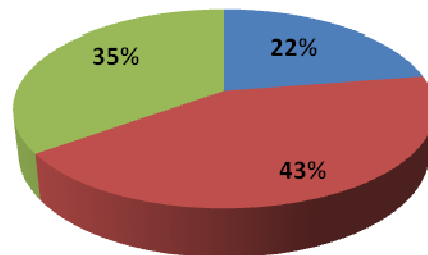
**9-Cite alguma(s) palavra(s) que defina(m) o Brasil para você (quantas desejar).**



## 1.2 RESULTADOS

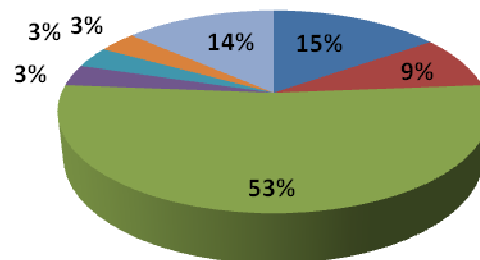
### 1 - Há quanto tempo mora em Paris ou arredores?

■ Menos de 1 ano - 25% ■ De 1 a 2 anos - 42,5% ■ Mais de 2 anos - 35%

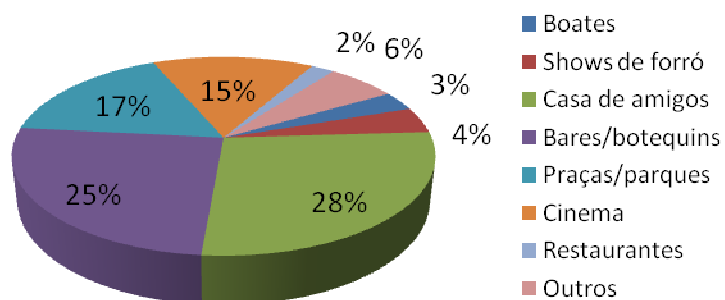


### 2 - Qual tipo de música gostava mais no Brasil?

■ Samba ■ Forró ■ MPB ■ Sertaneja ■ Pop Rock ■ Blues ■ Outros

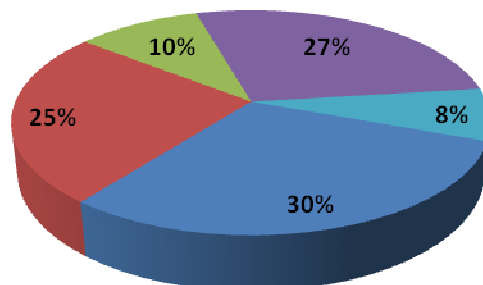


### 3 - Qual destes programas prefere para sair numa noite parisiense ?



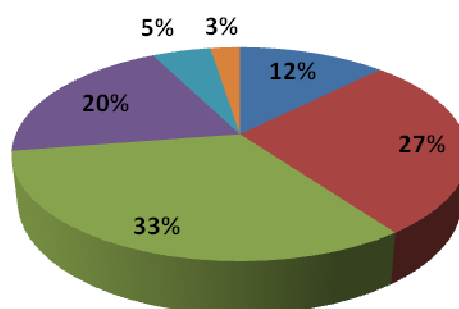
#### 4 - Com qual frequência vai a encontro/reuniões de brasileiros?

■ 1 vez/semana ■ 2 vezes/semana ■ 1 vez/mês ■ nunca ■ todos os dias



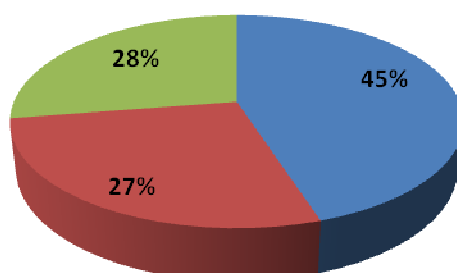
#### 5 - Como qualifica sua relação com os parisienses?

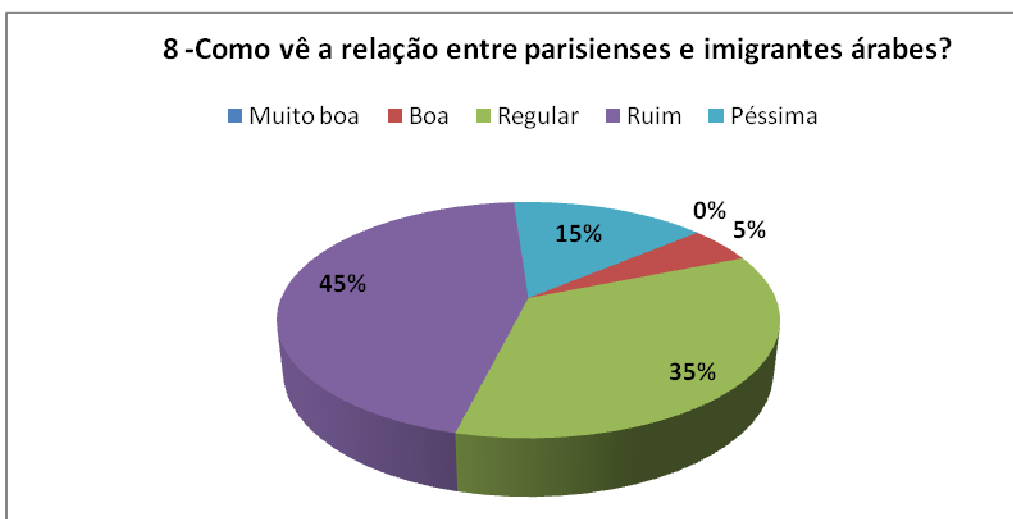
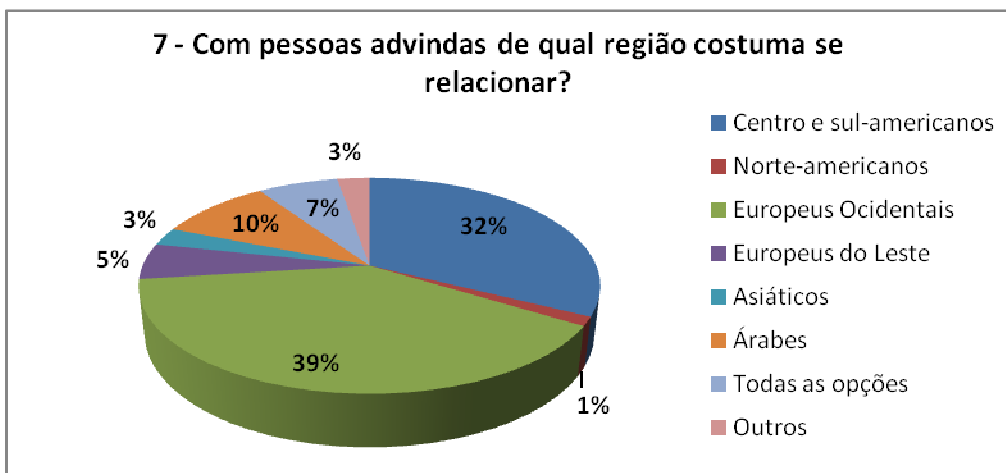
■ Excelente ■ Muito boa ■ Boa ■ Regular ■ Ruim ■ Péssima



#### 6 - Como qualifica sua relação com brasileiros que habitam na região?

■ Muito próxima ■ Próxima ■ Pouco frequente





**Palavras citadas na questão 8:** Calor, sol, praia, sorriso, cordialidade, solidariedade, corrupção, beleza, exótico, abertura, imensidão, natureza, vivacidade, afeto, cores, ritmo, férias, negligência, casa, trânsito, caos, força, festa, alegria, esperança, desespero, potência, riqueza, dança, samba, criatividade, música, futebol, contato, corpo, fé, diversidade, violência, amigos, amor, família, trabalho, desigualdade, contraste, o melhor lugar, saudade, aconchego, simpatia.

**Faixa etária dos consultados:** de 21 a 47 anos.

**Locais do Brasil:** diversos municípios dos Estados de: Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo.

**ANEXO 2:****2.1 QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS**

- 1- TRABALHA COM QUAL EXPRESSÃO? JÁ TRABALHAVA COM ISSO NO BRASIL?
- 2- SE SIM, QUAIS AS DIFERENÇAS DE SE TOCAR/ CANTAR/ ORGANIZAR EVENTOS NO BRASIL E NA REGIÃO PARISIENSE? QUAL O PÚBLICO?
- 3- COMO PERCEBE A ATUAL PRODUÇÃO CULTURAL BRASILEIRA EM PARIS? QUAIS OS PONTOS FORTES?
- 4- NA PRÁTICA, COMO SE DÁ A PRODUÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DOS EVENTOS BRASILEIROS NA REGIÃO?
- 5- NUMA REGIÃO MARCADA PELO CONSTANTE FLUXO MIGRATÓRIO E PELOS CONFLITOS GERADOS PELO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO, SENTE UMA INTEGRAÇÃO ATRAVÉS DA PRODUÇÃO CULTURAL ENTRE BRASILEIROS, PARISIENSES E OUTROS ESTRANGEIROS?

## 2.2 ENTREVISTAS

### 2.2.1 ANDRÉ PEREIRA - DJ E ORGANIZADOR DE EVENTOS

(realizada dia 19 de junho de 2010 - 15 minutos)

**Ana: Você já era DJ no Brasil? Como você começou?**

**André:** Não, não era. Eu sempre gostei muito de música, já tinha colocado som em algumas festinhas aqui [ele acaba de retornar definitivamente para o Brasil], mas nada sério. Lá em Paris eu fui para passar quatro anos (2002), ai levei meus discos, porque gosto muito de música e tal, levei minha coleção, uns 300 discos, e fiquei na Casa do Brasil [“Maison Du Brésil” é um alojamento que faz parte da “Cité” Universitária e conta também com espaço cultural]. Do lado do meu quarto tinha um garoto que discotecava na cafeteria da Maison Du Brésil, tinha um equipamento de som e ele que era o DJ. Ai, normalmente a gente se socializa com o vizinho do andar, e a gente tinha afinidade musical e ficou amigo. Com isso eu comecei a “botar um som” lá (início de 2003) com ele na Casa do Brasil. Depois o pessoal gostou e um amigo de uma ex-namorada (Marcelo), que é cineasta e mora em Paris a quase trinta anos começou a organizar uma feijoada, com show do Orquestra do Fubá, que era um grupo que tava começando na época e depois fez bastante sucesso, fazendo forró, ai ele me chamou para ser o DJ e ai foi dando certo. Depois teve o Ano do Brasil na França (2005) que teve muita festa, e bastante demanda para esse tipo de DJ, que era especializado em música brasileira por que as festas eram temáticas. Eu comecei a namorar uma menina que era cantora (Laure - francesa), ai comecei a conhecer os músicos também, não só por que tocava em festas com bandas como a Orquestra, mas porque a minha namorada também era música, comecei a me integrar com esse meio e eu mesmo comecei a produzir algumas noites, tanto com o Marcelo como sozinho, principalmente para a Laure. Eu produzia os shows dela e tocava como DJ.

**Ana: E qual estilo de música você tocava?**

**André:** Muito variado, tinha a cena musical do Rio, eu via muita coisa do Brasil que vinha para o Rio. Na Casa do Brasil eu não tocava só musica brasileira, tinha que tocar também um pouco de música internacional por que não eram festas temáticas, nessas eu tocava samba, samba-rock, forró, um pouco de música eletrônica, rip hop, , samba-funk, música regional – mangue beat, MPB – Jorge Ben, Tim Maia, Clara Nunes, pode-se achar todos esses gêneros na música brasileira. E mais algumas coisas que não sei classificar: Pedro Luiz & a parede, farofa carioca e coisas mais novas como DJ Dolores ou DJ Marques, Marcelo D2, bem eclético. Não era só samba, pagode e forró, que eu nem gostava muito, mas em algumas noites era o que o pessoal pedia. A única coisa que eu não gostava era axé.

**Ana: O que você percebe de mais forte na produção do pessoal de lá (Paris) ?**

**André:** A música é muito importante, e tinham algumas grandes produções: uma festa chamada “Noite do Brasil” ( no ‘*Cabaret Sauvage*’), com grupos variados; o Jota, que é uma produção de forró; e algumas outras, mas esses eram os principais. Eu acho que os brasileiros vão muito pelo ambiente, para se encontrar num ambiente brasileiro, com feijoada, caipirinha e a música. E os não-brasileiros iam muito também pelo ambiente e pela música. Os brasileiros sentem muita falta do ambiente da festa e o francês gosta muito também da música brasileira.

**Ana: E como você vê a integração dos brasileiros com os parisienses?**

**André:** Eu freqüentava vários meios, a universidade, os músicos que estavam há muito ou pouco tempo, as pessoas que estavam ilegais,... Acho que em geral o brasileiro se integra muito bem, apesar de todas as diferenças culturais, em geral o francês gosta muito do Brasil e da cultura brasileira, conhecem muito, conheci vários franceses que tinham programas de rádio e conheciam música brasileira muito melhor que eu. Sinto que há uma sensação de orgulho de ser brasileiro, o Brasil e o brasileiro é muito admirado.

**Ana: Você vê zonas de conflito e segregação em Paris?**

**André:** Eu vejo, acho que o brasileiro não sofre tanto, por enquanto, por que acho que também tem muito poucos em comparação com as outras nacionalidades, então acho que por enquanto o brasileiro ainda é “o exótico”, o “que agrada”, mas não sei se isso tende a mudar e começar a influenciar no dia-a-dia deles. Mas eu sinceramente, vejo uma discriminação com os muçulmanos, ativa ou passiva, mas eu freqüentei um meio onde meus amigos [franceses] eram muito abertos, então é difícil generalizar, por que eu tinha amigos de várias classes sociais, eu sentia que no meio era mais homogêneo, mas também tinha amigos que eram mais conservadores e que tinham uma visão diferente. Em Paris você encontra de tudo, desde os caras mais libertários até os caras mais conservadores. Não só pelo contexto histórico, eu acho que pelo próprio contexto cultural e pela quantidade de brasileiros, que não pesa ainda no sistema francês como pesam esses outros [imigrantes vindos das antigas colônias], mesmo os que são imigrantes legais. Tem os brasileiros estudantes, que são poucos, e os brasileiros que se casam, têm filhos e se tornam legais, mas que em termos de impacto para o sistema, o francês não se sente prejudicado pelo brasileiro como se sente, um cara mais conservador, pelo “francês que não é de origem francesa”, mas que tem os mesmo direitos.

Mas eu acho que a admiração pelo Brasil não é exclusiva, o francês é muito aberto a admirar e valorizar outras culturas diferentes da dele, pelo menos no meu entorno eu via muito isso. No nosso caso, a integração se percebe pela música, na Fnac aqui tem uma sessão de música brasileira, que era bem maior do que algumas outras. E tinham pessoas que conheciam muito bem a música brasileira, não só recente, mas também mais antiga, como Baden Powell, que era as vezes mais admirado ou mais lembrado hoje em dia na França do que no Brasil.

## 2.2.2 FERNANDA BUOGERMINO VIVELA - PRODUTORA CULTURAL

(realizada dia 20 de junho de 2010 - 17 minutos)

**Ana: O que você faz aí?**

**Fernanda:** Eu faço faculdade de Mediação Cultural (Mediation Culturelle), na verdade acabei de acabar... e para sobreviver eu organizo alguns eventos brasileiros e também pude organizar um festival de cultura brasileira, com shows, apresentação de dança, colóquios, fora isso já trabalhei em bar de shows brasileiros, já distribuí flyer na porta, fiz a parte de promoção, já fiz coisas assim ligadas ao público brasileiro.

**Ana: Você já trabalhava com produção no Brasil?**

**Fernanda:** Já trabalhei com eventos, mas não tinha nada de específico cultural brasileiro, realizando fóruns e conferências para público governamental, mas não tinha nada a ver com cultura, eram temas mais empresariais, de marketing, comunicação. E eu trabalhei um pouco no circo também aí no Brasil.

**Ana: Em Paris você organiza os eventos ou tem alguma atividade artística?**

**Fernanda:** Na verdade eu organizei um grande evento, pela *Maire du 12ème arrondissement* (sub-prefeitura do 12º bairro de Paris), eles chamaram a minha associação e a gente organizou junto, ajudamos na logística, com a equipe e toda a organização em campo. O evento se chamava “Festival Brésil 12” e foi realizado em abril. Eu trabalhei como voluntária no primeiro, mas realizei o segundo, como presidente da associação eu ajudei a organizar.

**Ana: e como acontece essa produção e realização de eventos?**

**Fernanda:** A maioria dos eventos que acontecem são em geral de brasileiros que já estão instalados aqui, nesse evento, chamados esses brasileiros que estão por aqui ou que estão passando por Paris. Nos os reunimos durante o festival para mostrar o trabalho deles. A comunidade aqui acaba sempre se cruzando, as pessoas que trabalham com o cultural se conhecem, já ouviram falar umas das outras, então o contato não é difícil, tem a facilidade de falar “oi, sou amigo de tal pessoa e vou organizar um festival”, e aí as coisas se fazem com essa facilidade.

**Ana: e esse evento da Mairie, foi ocasionado pela procura de brasileiros, existem muitos brasileiros nesse local, qual será a motivação dela para fazer um evento sobre o Brasil?**

**Fernanda:** Esse exemplo específico foi um dos “Elus” (um os responsáveis pela Mairie), que é apaixonado pelo Brasil, então a motivação foi dele de fazer esse festival. Não teve nenhuma iniciativa nossa, fomos apenas um apoio mais da parte logística. Porque ele estava muito interessado e tem um público grande de brasileiros e de muita gente que gosta muito da cultura brasileira. Tem muita gente que aprecia tudo que vem

do Brasil, tudo que é vem do folclórico – a capoeira, a batucada, a música brasileira que é muito apreciada. Então tem um público certo.

**Ana: existem certas áreas de tensão entre parisienses e imigrantes. Você acha que a arte brasileira passa por isso, há uma integração com os parisienses?**

**Fernanda:** Eu acho que o brasileiro aqui é mais amado do que detestado, essa é a impressão que eu tive. E por ser brasileiro, a gente consegue se integrar razoavelmente bem, não sei se integrar, mas somos aceitos muito bem. O que eu senti é que o olhar das pessoas sobre os brasileiros é na grande maioria positivo. Mesmo que se tenha essa visão super “clichê” de Brasil – sol, “me faz sonhar”, praia, futebol e alegria – carimbando a imagem do brasileiro aqui, mas de uma certa forma é ainda uma imagem positiva e é algo que permite uma troca com os parisienses, dando uma certa abertura . Então eu não sinto essa rejeição por parte deles, apesar dos parisienses, dentre todos os franceses, as vezes terem um comportamento meio desagradável, mas não vejo em particular contra os brasileiros. Eu acho que tem mesmo uma rejeição pelos dois lados, a história está muito presente.

**Ana: e como você percebe a produção cultural brasileira ai? Quais os pontos fortes?**

**Fernanda:** Sem dúvida a música, tem o lugar garantido, com espaço para todo tipo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Lenine, etc, até pequenos grupos que se formam aqui, que estão aqui há anos e fazem os pequenos eventos deles, de maracatu, de forró (que está “bombando” aqui). A música brasileira é muito bem valorizada, mesmo os clássicos: tem um grupo de chorinho, música mais erudita, que fazem homenagens a Villa-Lobos. Acho que a música brasileira é o que é mais valorizado e é o que é mais produzido e reproduzido também, como os franceses que fazem música brasileira. As pessoas percebem a riqueza da cultura brasileira, como tem também o cinema brasileiro que chega aqui, tem a música, a dança, eu, por exemplo, vi o grupo Corpo aqui. Acho que aqui em Paris, quem gosta tem a possibilidade de ver a diversidade da cultura brasileira, que está presente aqui em todas as suas formas, tem bons representantes de todo tipo de manifestação cultural brasileira. Afinal de contas, querendo ou não, Paris ainda ocupa esse papel de uma das capitais culturais do mundo, onde você encontra tudo que você quiser, então o ponto forte é a música, mas você pode encontrar a diversidade cultural brasileira.



### 2.2.3 PEDRO DE LITA – É MÚSICO, POSSUI UM SELO E É PRODUTOR MUSICAL

(realizada dia 20 de junho de 2010 - 19 minutos)

**Ana: Você trabalha com arte brasileira em Paris?**

**Pedro:** Na verdade tem um pessoal que é especializado em trabalhar com eventos brasileiros, o que não é muito o meu caso. Na realidade tem alguns artistas que chegam e eu encaixo e procuro algumas datas, faço a conexão com o Selo [B-Mundo] para quem se interessa pela contemporaneidade do Brasil, mas eu não tenho eventos especiais. Fiz o fechamento do festival de cinema, porque eles sabem que eu trabalho com música, então me chamaram, mas foi só para a noite de encerramento. Não sei se posso te ajudar muito, porque tem gente aqui que é especializada nesse 'nicho', pois tem a típica população brasileira que mora aqui.

**Ana: Me interesse também pelo diálogo entre as culturas, não só uma coisa fechada, agregando os valores, então o seu ponto de vista pode ser interessante. Você começou tocando música aí?**

**Pedro:** Eu tinha um banda no Brasil, ai cheguei aqui e organizei várias coisas para essa banda aqui e descobri o caminho da indústria musical que tem um espaço para a cultura do mundo, incluindo a do Brasil. Paris é uma cidade aberta, que tem esse espaço para a diversidade, daqui surgem várias outras oportunidades de distribuição de disco para a Europa.

**Ana: Você já trabalhava com música no Brasil?**

**Pedro:** Eu tinha uma banda e trabalhava com produção musical ao mesmo tempo, até para se auto-produzir, e fiz free-lances para produtoras, gravadoras, making-offs para a MTV, sempre trabalhei na área, e tenho a faculdade de jornalismo. Ai quando eu tive uma banda de eletro, hip hop, numa linguagem mais moderna, eu fui descobrindo esses caminhos de selo e todo o sistema de comunicação que envolve, também a produção de discos, shows da cena em geral.

**Ana: E há uma facilidade de trabalhar com isso aí?**

**Pedro:** Não, acho que no Brasil está muito valorizada essa linguagem de dinheiro no Brasil, com o patrocínio, por que aqui não se conhece o marketing cultural privatizado, é uma coisa que está engatinhando ainda. Era tudo público, subvencionado pelo estado, e agora eles estão começando a conhecer o marketing cultural e os investimentos de marca privada em projetos culturais, é uma coisa nova. Já no Brasil isso já está acontecendo há muito tempo, então acho que o Brasil está além nessa questão. Aqui o incentivo é bem grande para a cultura, mas com a "era Sarkozy", isso está se secando, ou o dinheiro está se acabando, não sei.

**Ana: Como você percebe a integração dos brasileiros com os parisienses e com os outros imigrantes?**

**Pedro:** o brasileiro tem um passaporte por natureza, ele não tem um grande problema de religião, de “raça” [aspas mencionadas pelo entrevistado]. Tem sim o problema do racismo aqui, mas o brasileiro “passa batido”, pois tem muito carisma. Então ele não tem a mesma relação que os franceses têm com africanos, com árabes, que tem com o Magreb em geral, então ser brasileiro já é uma coisa positiva, o que é mais fácil.

**Ana: Nesses eventos que você organizou e participou na curadoria, como percebeu o público? O que eles estavam procurando?**

**Pedro:** Tem gente que tem a visão equivocada do “Brasil-Samba”. O festival de cinema, que me chamaram para fazer a curadoria e co-produção da festa de encerramento, teve um público mais “intelectual”, que procura o cinema para conhecer as sociedades outras, e procura o cinema para conhecer o Brasil, então é uma galera que tem uma sensibilidade para a arte. Dei sorte de ser um público genial, mas aqui tem público para todo mundo e para todo tipo de arte, tanto para a popular, para a arte mais elitista. Eu acho que tem francês e estrangeiro que admira o Brasil de todas essas formas.

**Ana: E como foi a sua experiência de organização e produção nesses eventos?**

**Pedro:** eu botei o *back-ground* que eu tinha e o adaptei para a realidade francesa, para a realidade como eu posso trabalhar aqui. Mas foi uma experiência boa porque foi internacional, e isso acrescenta no currículo. Mas está sendo bem complicado aqui, traçando um paralelo do que está rolando no Brasil, onde as coisas já estão mais estabelecidas, com os projetos e patrocínios. Minha experiência está sendo boa mas não é o que eu quero ainda, eu tenho que ter uma estrutura maior para trabalhar, para inventar umas coisas mais contemporâneas. Eles [os parisienses] tem uma visão equivocada do Brasil, não todos, mas se você apresenta uma coisa nova, um eletrônico, ou alguma coisa assim, você tem que insistir. Eu gostaria de trabalhar com o Dub brasileiro, que é um “braço do reggae”, mas é um circuito fechado, então não vou conseguir fazer uma festa “Dub do Brasil”, então a minha situação é um pouco complicada.

**Ana: Então você acha que essas outras “imagens” de Brasil estão mais consolidadas aí?**

**Pedro:** É... o forró, o samba, isso é mais popular, então isso ajuda o evento a acontecer, então é um caminho mais popular. Admiro quem organiza esses eventos, mas não é a linguagem que eu quero fazer.

**Ana: E se você realmente tentasse fazer um evento de Dub brasileiro, você teria mais problema para atrair público?**

**Pedro:** Na verdade o problema seria achar esse público, que eu sei que tem no mundo inteiro, mas eu vejo que as pessoas não estão acostumadas a esse tipo de

informação vinda do Brasil – ainda não – É como eu percebo as vezes aqui, se existe uma pessoa branca aqui, dizem “- você é brasileiro? não parece...”, de uma certa forma é uma certa ignorância. Eu ainda estou procurando a fórmula para fazer chegar outras informações culturais, você tem que achar esse público, na verdade. Então o que eu penso em fazer é trabalhar com a ‘fusão de linguagens’, inserindo o contexto do samba, com o dub, por exemplo, e assim eu posso conversar com várias tribos. A minha idéia era essa e aqui eu acho que posso fazer isso aqui porque tem uma abertura para isso, e ai a comunicação fica mais fácil também. Se eu chego com uma referência que eles conhecem mais, eles vão se aproximar e através dessa informação eles vão receber outras, e ai trabalhando com fusões você pode apresentar outras coisas através da mais popular.

**Ana: você vê a sociedade ai dividida nessas tribos e guetos?**

**Pedro:** sinto que aqui é menos do que na Inglaterra, mas ela é dividida por guetos. Aqui também tem: os chineses moram em Belleville e Place d’Italie , os africanos nos bairros mais populares dentro de Paris, em Chateau Rouge, Chateau d’Eau e nos subúrbios. O lance do brasileiro é que não tem uma raça, não se pode definir, tem o louro, tem o preto, tem branco, tem azul. Mas aqui eu vejo normalmente muitos casais multi-raciais, diariamente, e fruto disso vem os seus filhos misturados. Então eu vejo uma geração muito misturada.

**Ana: Você vê um discurso pautado mais nas origens dos familiares do que no nascimento em solo francês?**

**Pedro:** Total, aqui o cara não é só francês, é francês de origem marroquina, por exemplo. Ontem pegamos um taxi que falou: “- Sou nascido aqui mas sou marroquino”, e depois ele explicou que já é a terceira geração nascida aqui. Se fosse no Brasil ele seria brasileiro, aqui ele não se acha francês, por que a origem é outra ele se acha estrangeiro. O engraçado é que lá eles também não são considerados marroquinos, então eles têm esse problema de identidade.

**Ana: Você tem uma visão mais da integração e da fusão, como era isso no Brasil?**

**Pedro:** É o universo que eu vivo, desde sempre no Brasil, eu fui criado num meio integrado, foi uma coisa meio atípica, “nego” fala da miscigenação do Brasil, eu sou de origem negra e filho de branco também, então fui criado entre alguns universos. Vivi na zona sul carioca como vivi em bairros mais populares de Salvador. E na zona sul a galera é legal, mas em Ipanema você pode contar “12 negros”, e o resto está nos guetos... o Rio de Janeiro é um “apartheid” meio escondido. E aqui em Paris também é assim.

### **ANEXO 3: MATÉRIA QUE FORNECEU A IDÉIA INICIAL DO T.C.C.**

**A França à escuta do Brasil - Jornal O Globo, 17/5/2007.**

DEMÉTRIO MAGNOLI e JEAN-FRANÇOIS VÉRAN

Quando propõe a criação de um Ministério da Identidade Nacional e da Imigração, o presidente eleito da França Nicolas Sarkozy conecta duas afirmações distintas: a identidade nacional está em crise e esta crise se deriva da imigração, notadamente de origem africana e muçulmana. As proposições não são novas e evidenciam fundas linhas de fratura.

Numa versão, o argumento gira em torno da diferença cultural. As migrações magrebins ameaçariam a França, pois as acentuadas diferenças étnicas e religiosas impediriam a integração. Mais ainda: os filhos de imigrantes recusariam a própria idéia de integração. Na moldura do terror global, o "levante dos subúrbios" de 2005 ativou o temor do "inimigo interno", islamita e violento, que converte a diferença cultural em arma política contra os valores da República. Sob essa lógica, os imigrantes seriam portadores de um comunitarismo tradicional inconciliável com a noção universalista de cidadania.

Na versão alternativa, o problema não é a diferença cultural, em si mesma, mas a falta de reconhecimento das diferenças como um valor positivo. Essa abordagem constata o preconceito e o racismo que existem sob as leis, numa nação erguida à luz dos princípios da igualdade dos cidadãos, da laicidade oficial e da democracia política. Contudo, as soluções aventadas sugerem formas diferentes de abandono do universalismo e de celebração da "diversidade".

O novo ministério de Sarkozy seria a oficialização de uma divisão bipolar dos cidadãos em "franceses de sangue" e "franceses de origem estrangeira". As propostas de registro étnico dos cidadãos, que encontram eco em setores da esquerda, representam algo não muito diferente: a idéia de uma "França do arco-íris", na qual conviveriam diversas "nações" étnicas separadas pela cultura. Nos dois casos, ancoram-se as identidades políticas das pessoas nas suas origens.

A encruzilhada é real e Sarkozy tem razão ao sublinhar o laço entre as questões da imigração e da identidade nacional, mas a causa da crise não são os imigrantes. Para dizer as coisas diretamente, é a nação - ou uma larga parcela de sua população - que teme a idéia de que se possa ser árabe ou negro e francês, ao mesmo tempo. Esse temor denuncia as fraquezas do universalismo e as ambivalências da identidade nacional na França.

A força do princípio universalista está na existência do Povo, uma figura política que permite não propor e não admitir nenhum exclusivismo. Por definição, o povo dos cidadãos não tem e não pode ter origem. Entretanto, o princípio universalista da cidadania convive, contraditoriamente, com uma concepção orgânica e romântica da nação. Essa "França de mil anos", fundada por Clóvis em 498 e protegida por Joana D'Arc, hoje convertida em símbolo do

nacionalismo xenófobo de Le Pen, seria portadora de uma "essência" étnica gaulesa e de uma "cultura" singular. A imigração evidencia a disfuncionalidade dessa identidade dupla e exige uma redefinição da natureza da comunidade política.

Mas existe uma saída, para além da violência xenófoba ou da renúncia multiculturalista ao universalismo. A França deve se desembaraçar de seu mito de origem gaulês, a fim de dissolver a fantasia de um grupo étnico que defende suas fronteiras internas diante de outros grupos que serão mais étnicos se essa for a sua descrição política e jurídica. Como começam a descobrir os movimentos anti-racistas, a França precisa aprender a se imaginar mestiça. Para isso, ela precisa do Brasil.

Não se trata de uma mestiçagem pensada em termos físicos ou étnicos: a "fusão de raças" da qual procede um outro mito de origem, que é o do Brasil. Trata-se, sim, de excluir da fotografia da nação, enquanto espaço político, a questão das origens. Esse passo não implica uma amnésia coletiva. Ele não suprime o "dever da memória", especialmente o de recordar o colonialismo, mas o qualifica como a memória do dever de persistir no princípio da igualdade.

A França deve aprender a se imaginar mestiça, pois a política democrática é, antes de tudo, mestiçagem. Se hoje a França precisa do Brasil é porque o Brasil conseguiu viver positivamente a mestiçagem, não como a ideologia mascarada do branqueamento, que também foi e continua a ser em setores da elite, mas como uma formidável dinâmica de libertação, reencontro e criatividade. Mas o Brasil só pode servir de inspiração à França se permanecer fiel ao que há de positivo na idéia de mestiçagem, combatendo o racismo enquanto recusa a sedução envenenada da "raça", das "origens" e de uma "diversidade" congelada em narrativas essencialistas do passado.

DEMÉTRIO MAGNOLI é sociólogo e doutor em geografia humana pela USP ([magnoli@ajato.com.br](mailto:magnoli@ajato.com.br)) e JEAN-FRANÇOIS VÉРАН é doutor em antropologia, professor na Universidade de Lille3 e professor-visitante na UFRJ ([jean-francois.veran@univ-lille3.fr](mailto:jean-francois.veran@univ-lille3.fr)).

<http://globouniversidade.globo.com/GloboUniversidade/0,,AA1710957-8745,00.html>

## ANEXO 4: FLYERS E FOTOS DOS EVENTOS

